Humberto Robson de Carvalho



Ministério do Catequista

ELEMENTOS BÁSICOS PARA A FORMAÇÃO

PAULUS

Pe. HUMBERTO ROBSON DE CARVALHO

MINISTÉRIO DO CATEQUISTA

Elementos básicos para a formação

PAULUS

SUMÁRIO

Capa
Rosto
APRESENTAÇÃO
INTRODUÇÃO
I - JESUS CRISTO E A PALAVRA DE DEUS, FUNDAMENTOS DA CATEQUESE
1. Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, catequista, centro e fonte da catequese
2. A Palavra de Deus na catequese: Palavra vivida, proclamada e escrita
II - A CATEQUESE COMO EDUCAÇÃO DA FÉ E A LITURGIA COMO CELEBRAÇÃO DA FÉ
3. A catequese como educação da fé: Pedagogia e metodologia catequética
4. Catequese e liturgia: Duas “irmãs gêmeas” inseparáveis
5. Catequese e iniciação à vida cristã
Pré-catecumenato
Catecumenato
Purificação e iluminação
Mistagogia
III - CATEQUESE E MINISTÉRIO
6. O “ministério” do catequista
7. O “ministério” da coordenação
8. O catequista e o serviço da caridade
9. E spiritualidade do catequista
10. A pessoa do catequista: Identidade e vocação
IV - A CATEQUESE NO CONTEXTO HISTÓRICO E O SEU LUGAR TEOLÓGICO
11. Breve resumo da história da Igreja e da catequese
12. Concílio Vaticano ii: história e síntese dos documentos
CONSIDERAÇÕES FINAIS
BIBLIOGRAFIA
Coleção
Ficha Catalográfica
Notas

APRESENTAÇÃO

O principal objetivo da catequese é anunciar e tornar Jesus Cristo conhecido. Por isso mesmo, a catequese exige o anúncio explícito da Palavra de Deus. Eis o que diz o papa Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: "Por conseguinte, a Boa-nova proclamada pelo testemunho de vida deverá, mais cedo ou mais tarde, ser anunciada pela palavra de vida. Não haverá verdadeiramente evangelização se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem proclamados".

Anunciar integralmente a "Palavra de vida", sobretudo dar "testemunho de vida". Há uma relação intrínseca entre "comunicação da Palavra e testemunho". Disso depende a própria credibilidade da catequese. Por um lado, é necessário que a Palavra comunique aquilo que o próprio Senhor nos disse, ou seja, que sejamos discípulos, fiéis ao conteúdo da Palavra divina, e nada mais. Por outro lado, é indispensável dar, com o testemunho, credibilidade à Palavra, para que não apareça apenas como uma bela filosofia ou utopia, mas, antes, como uma realidade que se pode viver e que faz viver.

Seguramente, o conhecimento da doutrina é importantíssimo para chegar até Jesus; no entanto, é inseparável da experiência pessoal. Somente o conhecimento doutrinal não é suficiente. O Documento de Aparecida, repercutindo palavras do papa Bento XVI, é enfático ao afirmar: "Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou grande ideia, mas através do encontro com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva" (DAp n. 243). Só nos tornamos discípulos após um encontro de fé com a pessoa de Jesus. O evangelista João relata o impacto que a pessoa de Jesus produziu nos primeiros discípulos que o encontraram: "'Mestre, onde moras?' Jesus respondeu: 'Vinde e vede!' Eles foram, viram onde ele morava e permaneceram com ele aquele dia. Era por volta das quatro horas da tarde" (Jo 1,38-39). São João nunca mais esqueceu esse dia; não esqueceu nem mesmo o horário do encontro com Cristo.

Hoje podemos fazer a mesma pergunta de João e André: Mestre, onde moras? Ou melhor, Mestre, onde te encontramos para começar um autêntico processo de conversão? Quais são os lugares, as pessoas, que nos falam de ti, que nos colocam em contato contigo e permitem que nos tornemos teus discípulos? Este livro do Pe. Humberto Robson de Carvalho oferece-nos um caminho seguro para responder a essas perguntas.

A obra *Ministério do catequista – elementos básicos para a formação* busca ensinar a doutrina, mas, acima de tudo, levar a uma experiência vital do Mistério de Cristo. Almeja formar catequistas versados na pedagogia do Mistério, discípulos e discípulas do Senhor capacitados a levar seus catequizandos a uma verdadeira iniciação à vida cristã. Desejo uma boa leitura a todos!

Cardeal Odilo Pedro Scherer
Arcebispo Metropolitano de São Paulo

São Paulo, 11 de fevereiro de 2015

INTRODUÇÃO

A formação dos cristãos, particularmente dos catequistas, é e será sempre uma dimensão indispensável para o processo de evangelização da Igreja. A vocação dos primeiros discípulos de Jesus é, sem dúvida, fruto de um encontro pessoal que fez nascer neles o desejo e o compromisso de se consagrarem radicalmente a Deus no serviço da Palavra e da Caridade. O encontro pessoal com o Senhor transformou de tal modo cada um a ponto de despertar na vida deles encanto e sedução. A partir desse encontro, suas vidas foram transformadas, e sobretudo seus corações, fazendo com que reconhecessem em Jesus o que os profetas já tinham predito a respeito dele.

A experiência que tiveram com o Senhor e Mestre une-os de tal forma à pessoa de Jesus que eles decidem segui-lo com entusiasmo, perseverança e total dedicação, comunicando a outros a própria experiência, convidando-os a fazer também a experiência vocacional que eles fizeram.

O Espírito de Deus, sempre presente nas Comunidades e em nós, nos anima e nos orienta nos momentos mais decisivos da história. Ele continua encorajando-nos para a missão confiada a cada um nas diversas realidades da família, da sociedade e da comunidade em que vivemos, particularmente na evangelização e catequese.

A finalidade deste livro é colaborar com a formação de catequistas, compreendendo que a catequese é um processo de educação da fé que passa e perpassa as diversas etapas da vida dos cristãos.

O conteúdo deste livro está organizado em quatro partes contendo doze temas. Inicia-se com a pessoa de Jesus Cristo como Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, catequista e centro da catequese. Reconhece que a Palavra de Deus na catequese é um dos mais preciosos meios de sustentação da vida, da fé e da missão de catequistas e de catequizandos. Apresenta a catequese como educação da fé: pedagogia e metodologia catequética. Enaltece a relação da catequese com a liturgia como "duas irmãs gêmeas" inseparáveis. Aprecia a iniciação à vida cristã como processo pelo qual alguém é incorporado ao mistério pascal de Jesus Cristo. Aborda a questão do ministério do catequista e da coordenação. Releva a questão da caridade na vida e na missão dos catequistas. Retrata a espiritualidade do catequista como caminho de santidade e compromisso com a transformação da sociedade e do mundo. Identifica a pessoa do catequista em sintonia com a sua vocação. Relata um pouco da história da Igreja e da catequese, e por fim, salienta a importância do Concílio Vaticano II para a Igreja e apresenta um breve resumo dos documentos, decretos e declarações.

Que o Espírito Santo de Deus ilumine cada leitor, a fim de ser sempre mais um autêntico discípulo-missionário em casa, na Igreja e na sociedade e assumir para valer o compromisso da evangelização e da transformação da sociedade e do mundo em busca de um "novo céu e de uma nova terra" (cf. Ap 21,1.7.15-17), "onde Deus será tudo em

todos” (cf. 1Cor 15,28).

I.

JESUS CRISTO E A PALAVRA DE DEUS, FUNDAMENTOS DA CATEQUESE

JESUS CRISTO, FILHO DE DEUS FEITO HOMEM, MORTO E RESSUSCITADO, CATEQUISTA, CENTRO E FONTE DA CATEQUESE

Para nós cristãos, sobretudo catequistas, a pessoa e as obras de Jesus de Nazaré são o ponto culminante de nossa fé. Ele nasceu, viveu, morreu e ressuscitou dentro de um contexto histórico. É a imagem visível de Deus invisível, o primeiro de toda criação. Constitui o tempo que preenche e ilumina todos os tempos. Nele, todos nós encontramos a razão de ser e de viver. Jesus, o Filho de Maria e de José, o profeta dos profetas da Galileia, é a representação mais sublime e real de toda criação (cf. Fl 2,6-11; Cl 1,15-20; Ef 1,3-14).

> Todos os cristãos, em qualquer lugar e situação que se encontrem, estão convidados a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por ele, de procurá-lo dia a dia, sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que esse convite não lhe diz respeito, já que da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído. Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e quando se dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre-se que ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. Esse é o momento para dizer a Jesus Cristo: "Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de vós [...]". [1]

Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, catequista, centro e fonte da catequese, nasceu em Belém da Judeia e viveu sua infância em Nazaré, naquele tempo, território da Galileia. Devido a um erro de cálculo nos primeiros séculos do cristianismo, afirmava-se que Jesus havia nascido no ano um da era Cristã; porém pode-se afirmar que ele nasceu aproximadamente no ano seis. Jesus é de origem simples: seu pai, José, era carpinteiro, e sua mãe, Maria, dona de casa, como tantas mães hoje em dia (cf. Lc 3,1-2). Jesus sabia ler e escrever, inclusive fazia leitura dos textos bíblicos para os doutores da Lei na Sinagoga (cf. Lc 4,16). A língua falada por Jesus e os seus familiares era o aramaico. Participava ativamente do judaísmo. [2]

Por volta dos trinta anos, Jesus aceitou ser batizado por João Batista, seu primo, filho de Isabel e Zacarias, no rio Jordão. A partir do Batismo, ele assumiu publicamente seu ministério profético de anunciador do Reino de Deus no meio do povo. Para essa missão, convidou um grupo de doze pessoas denominadas apóstolos. [3] Suas palavras, gestos e ações não agradaram a muita gente, particularmente algumas pessoas não comprometidas com o bem, a justiça, a verdade e a ética.

Jesus, em sua catequese com o povo, utilizava-se de recursos didáticos simples e eficazes para a compreensão e vivência de suas propostas. Privilegiou sua ação pastoral em favor dos mais necessitados: pobres, viúvas, pecadores, doentes e marginalizados (cf. Mc 1,32-34; Mc 2,7; Mt 9,13). Em seus discursos, usava parábolas, estilo literário que se

serve de histórias para convencer e converter os ouvintes. O foco principal de sua pregação era o Reino de Deus. Abordava e valorizava a bondade, a misericórdia, a compaixão e o perdão dos pecados em oposição aos sacrifícios e à observância obcecada pelas leis (cf. Mc 1,15; Mt 6,10.12; Mt 18,1-35). Em sua pedagogia destacava-se o método participativo. Deixava que as pessoas descobrissem por si a riqueza e a grandeza do Reino de Deus a partir das coisas simples e corriqueiras do dia a dia (cf. Mc 1,27). Ensinava que devia haver amor entre as pessoas, inclusive entre inimigos. Condenava o apego demasiado para com os bens materiais, o poder, a ganância e a violência (cf. Lc 6,27; Lc 10,29-37; Lc 12,15; Mt 5,42; Mt 6,22; Mt 10,23; Mc 10,42-45). [4]

> Os evangelhos nos atestam que Jesus foi chamado por seus discípulos, suas discípulas e, até mesmo, pelas multidões de Rabi, isto é, Mestre (cf. Mc 9,38; 10,35; Mt 23,8-10; Lc 5,5; Jo 1,49; 3,2; 4,31; 6,25; 9,2; 11,8; 13,13-14). Com sua mensagem e, principalmente, com a sua vida, ensinou com uma autoridade superior àquela dos mestres do seu tempo (cf. Mc 1,22; Mt 7,28-29). [5]

O Filho de Deus, Mestre e Senhor, em sua pedagogia catequética, sempre se utilizava do trabalho em equipe. Nunca quis trabalhar sozinho e isolado. Convocou uma equipe de homens e mulheres para expandir e dinamizar o seu projeto missionário e catequético (cf. Mc 1,16-20; Lc 5,28-29). Durante todo o tempo em que exerceu o seu ministério profético e catequético na terra, manifestou profunda sintonia com o Pai. Ele é o perfeito modelo de vida ativa e contemplativa (cf. Mc 1,35).

> Para compreender a fundo a mensagem de Jesus, não basta conhecer o que disse e o que ele fez. Além do que, mais do que isso e mesmo antes disso, é necessário igualmente saber quem foi Jesus de Nazaré, o filho de Maria, o filho do carpinteiro. Ou seja, trata-se de compreender não só suas palavras e suas obras, mas também e especialmente sua pessoa e personalidade [...]. Analisando os evangelhos, neles se podem descobrir, com suficiente clareza, os traços mais característicos da personalidade desse homem com quem as primeiras testemunhas conviveram e que depois será por elas confessado e proclamado como Filho de Deus. [6]

Durante toda a sua vida na terra, ele sempre exaltou a figura do Pai. À medida que crescia em idade, sabedoria e graça, ia tomando consciência da missão que o Pai havia reservado para ele. Por fidelidade e obediência ao plano do Pai, Jesus passou pelo exercício do sofrimento e da morte para a salvação da humanidade. Ele é o caminho, a verdade e a vida (cf. Jo 14,6; 12,35). Ao povo santo e querido de Deus, Jesus revela o Espírito Santo como fonte de alegria, esperança e caridade. O Espírito, por sua vez, nos une a Jesus e ao Pai constituindo dessa forma a Igreja de Deus. Jesus Cristo, filho único de Deus, nascido por meio de Maria, a Virgem de Nazaré, é a Palavra encarnada do Pai. [7]

> Jesus vive, portanto, a experiência de Deus, que acolhe, tem misericórdia, é Pai e Mãe. E quem diz Pai, é lógico que se sinta filho. É outra dimensão da experiência: Jesus se sente filho, não como uma criança neuroticamente agarrada ao pai, mas como filho adulto que tem um projeto de Reino, uma estratégia de pregação, enfrenta conflitos, e, portanto, sente-se um Filho consciente de ter sido enviado por este Pai, de realizar uma obra libertadora, sempre vinculada às pessoas humanas e à situação delas. Porque se sente filho, descobre que o amor a Deus e ao próximo é um só movimento. É um só mandamento de amor. [8]

Assim como Jesus Cristo é o centro e a fonte da catequese, o mistério da Santíssima

Trindade da qual ele é parte integrante é o centro da fé e de toda a vida cristã. Esse mistério de amor, de comunhão e de participação entre as três pessoas da Santíssima Trindade é a inspiração e a motivação de pertença, comunhão e participação de que somos chamados a viver em nossas comunidades paroquiais. Essa comunhão deve estar refletida nas relações pessoais de cada dia, em todas as dimensões da vida, o que inclui a convivência social, política e econômica, de tal forma que a vida de cada um de nós seja reflexo do amor trinitário do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Jesus, em cada gesto, palavra e atitude nos ensina que a vida vivida na Trindade é a fonte e a meta da nossa vida e, portanto, também da catequese.[9]

> O evento da ressurreição é, portanto, todo ele marcado pelos escritos do Novo Testamento com traços trinitários. A ressurreição de Jesus é evento da história trinitária de Deus. Na Trindade está a unidade do ressuscitante (o Pai), do ressuscitado (o Filho), do Espírito de ressurreição e vida, Espírito dado e recebido. Nela está igualmente a unidade do Deus dos pais, Deus de Israel, que dá vida no seu Espírito ao crucificado, proclamando-o Senhor e Cristo, Filho de Deus – e do ressuscitado, que, acolhendo o Espírito de vida dado pelo Pai, o dá aos seres humanos para que participem da comunhão de vida com ele e com o Pai.[10]

O catequista e, por sua vez, os catequizandos, devem ter claramente a convicção e a certeza de que a base, o centro e o ápice da evangelização e catequese está na pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, por obra do Espírito, morto e ressuscitado. O catequista, autêntico discípulo-missionário de Jesus, Mestre e Senhor, é chamado e convocado a testemunhar para todos, mas particularmente aos catequizandos e seus familiares, a pessoa de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem como modelo e proposta de vida pessoal e comunitária, tendo como base a valorização da dignidade humana e a transformação de toda e qualquer realidade "onde Deus será tudo em todos" (cf. 1Cor 15,28).

Para responder

1. Por que a Igreja insiste em afirmar que a vida cristã tem seu fundamento em Jesus Cristo, Filho de Deus?

A PALAVRA DE DEUS NA CATEQUESE: PALAVRA VIVIDA, PROCLAMADA E ESCRITA

A Bíblia é a Palavra de Deus vivida, proclamada e escrita aos homens e às mulheres, para todos os tempos e circunstâncias. Ela contém a Palavra de Deus revelada ao longo da história do Povo de Deus.

> "A Palavra do Senhor permanece eternamente. E esta é a palavra do Evangelho que vos foi anunciada" (1Pd 1,25; cf. Is 40,8). Com esta citação da Primeira Carta de São Pedro, que retoma as palavras do profeta Isaías, vemo-nos colocados diante do mistério de Deus que se comunica a si mesmo por meio do dom de sua Palavra. Esta Palavra, que permanece eternamente, entrou no tempo. Deus pronunciou a sua Palavra eterna de modo humano; o seu Verbo "fez-se carne" (Jo 1,14). Esta é a Boa-nova. Este é o anúncio que atravessa os séculos, tendo chegado até aos nossos dias [...]. [1]

O termo Bíblia é de origem grega. Na língua grega a palavra está no plural e significa muitos livros em um só. Na tradução latina, tornou-se palavra feminina singular. A Bíblia é uma verdadeira biblioteca composta de 73 livros. Outro termo que utilizamos frequentemente é Testamento. Essa expressão significa aliança. Trata-se, pois, da Antiga aliança proposta por Deus ao povo de Israel por intermédio de Moisés e, depois, a da nova aliança na pessoa de Jesus de Nazaré, nosso Mestre e Senhor.[2] Hoje, em respeito aos judeus, muitos estudiosos da Bíblia gostam de usar as expressões "Primeiro e Segundo Testamento".

De acordo com a doutrina da Igreja, reafirmada pelo Concílio Vaticano II, toda a Bíblia é inspirada por Deus, isto é, seus escritores escreveram por inspiração e ação do Espírito Santo. Isso significa que mesmo que cada escritor tenha seu estilo, jeito e costume, o autor é o próprio Deus. Deus age por meio de pessoas concretas. Temos de compreender que a Palavra de Deus foi escrita dentro de um contexto histórico, político, religioso e cultural, e que os escritos não têm a preocupação de caráter científico ou histórico, mas a preocupação de responder teológica e catequeticamente aos seres humanos os questionamentos mais profundos a respeito da existência e de tantas outras preocupações no que diz respeito à vida e à religiosidade, por isso a interpretação correta da Bíblia requer contextualização do texto em seu contexto, para que não haja uma leitura fundamentalista, isto é, ao pé da letra. Deus sempre demonstrou seu amor pelos seres humanos, por isso, fala do nosso jeito, de maneira que possamos compreendê-lo sem dificuldade.[3] Acima de tudo, a Sagrada Escritura deve ser lida conforme o coração da Igreja, como ela a interpretou desde o início e como é guiada hoje pelo Magistério nessa compreensão, caso contrário caímos na tentação do subjetivismo ou do livre exame, como fazem muitos irmãos pertencentes a outras denominações cristãs.

> Com a XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus, estamos conscientes de nos termos debruçado de certo modo sobre o próprio coração da vida cristã, dando continuidade à assembleia sinodal anterior sobre a Eucaristia como fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. De fato, a

> Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus e vive dela. Ao longo de todos os séculos da sua história, o Povo de Deus encontrou sempre nela a sua força, e também hoje a comunidade eclesial cresce na escuta, na celebração e no estudo da Palavra de Deus. Há que reconhecer que, nas últimas décadas, a vida eclesial aumentou a sua sensibilidade relativamente a este tema, com particular referência à Revelação cristã, à Tradição viva e à Sagrada Escritura [...]. É de conhecimento geral o grande impulso dado pela Constituição Dogmática *Dei Verbum* à redescoberta da Palavra de Deus na vida da Igreja, à reflexão teológica sobre a Revelação divina e ao estudo da Sagrada Escritura [...]. [4]

A Sagrada Escritura, ou seja, a Bíblia, nasceu a partir da vivência, da experiência e da transmissão oral e escrita de muitas pessoas. Os assuntos são os mais diversos possíveis: relatos em prosa, código de leis, provérbios, máximas morais, cartas, poesias, parábolas e tantos outros gêneros literários. Podemos afirmar que a Bíblia é a Palavra de Deus transformada em palavra humana. Foi escrita em três línguas: hebraico, aramaico e grego. [5]

Os livros da Bíblia, na sua origem, não tinham uma organização como hoje se tem. A organização do Antigo Testamento em capítulos e versículos aconteceu somente a partir de 1226, já do Novo Testamento, em 1528. Em relação aos livros inspirados por Deus, os estudiosos em Sagrada Escritura nos relatam o seguinte fato: os judeus de Jerusalém aceitavam somente os textos escritos em hebraico, porém os judeus que estavam fora de Jerusalém aceitavam também os livros escritos em grego (Baruc, Eclesiástico, Sabedoria, Tobias, Judite e os dois livros de Macabeus). Esse episódio deve ter acontecido por volta dos anos 200-250 a.C. Por isso, ainda hoje, nós cristãos católicos possuímos sete livros a mais do que os irmãos pertencentes a outras denominações, inclusive cristãs. É provável que a primeira tradução do Antigo Testamento escrito em hebraico tenha acontecido nos séculos III e II a.C. O objetivo dessa tradução era ajudar os judeus que viviam fora da Palestina. Conta-se que foram 72 os tradutores e que a tradução durou 72 dias; e em consequência disso passou a se chamar Setenta, lembrando o número redondo de 70 tradutores. Quanto ao Novo Testamento, foi São Jerônimo, no ano de 384, quem traduziu do grego para o latim essa tradução, que ficou conhecida como Vulgata, isto é, versão comum. [6]

A Palavra de Deus deve alimentar a identidade cristã e formar comunidade de fé. A Palavra de Deus é o alimento cotidiano que sustenta a vida de todo cristão, particularmente dos catequistas. O Documento do Vaticano II *Dei Verbum* ainda indica aos catequistas a Leitura Orante da Bíblia. Afirma que a Leitura Orante é o coração da vida cristã. É uma experiência pessoal e comunitária de leitura, escuta e obediência à Palavra de Deus. Esse modo de ler a Bíblia nos ajuda no encontro pessoal com Jesus Cristo. Consiste na leitura de um trecho bíblico, repetida uma ou mais vezes, acompanhada de silêncio, meditação, oração e contemplação. [7]

> O Sínodo insistiu repetidamente sobre a exigência de uma abordagem orante do texto sagrado como elemento fundamental da vida espiritual de todo o fiel, nos diversos ministérios e estados de vida, com particular referência à *Lectio Divina.* Com efeito, a Palavra de Deus está na base de toda a espiritualidade cristã autêntica. Essa posição dos Padres Sinodais está em sintonia com o que diz a Constituição dogmática *Dei Verbum*: todos os fiéis "debrucem-se, pois, gostosamente sobre o texto sagrado, quer através da Sagrada Liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual, que por outros meios que se vão espalhando

louvavelmente por toda a parte, com a aprovação e estímulo dos pastores da Igreja. Lembrem-se, porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração [...]". [8]

A Leitura Orante da Bíblia é o resultado da experiência que os primeiros cristãos fizeram da Palavra de Deus. Foi Orígenes (184-254), da antiga Alexandria, quem criou a expressão *Lectio Divina*, porém foi o monge chamado Guigo (1115-1193) que organizou a Leitura Orante em quatro passos: leitura, meditação, oração e contemplação. É uma autêntica experiência litúrgica e por sua vez, mistagógica, pois ajuda o cristão e particularmente o catequista a entrar em contato com o mistério de Cristo, Mestre e Senhor e a ter com ele um encontro pessoal. [9]

De acordo com o monge Guigo, o primeiro passo, ou seja, a leitura do texto bíblico, deve ser uma leitura atenta, cuidadosa e perseverante. O objetivo desse primeiro passo é compreender a mensagem central do texto escolhido. É preciso deixar o texto falar por si. É preciso interiorizar a mensagem do texto. O silêncio é fundamental para que a Palavra de Deus encontre espaço dentro de nós. Por isso, não basta ler apenas uma vez, é necessário ler duas, três... [10]

O segundo passo consiste na meditação da Palavra, isto é, o texto lido é agora "digerido". Após ter lido atenta e profundamente a Palavra vamos aplicá-la à própria vida. Podemos realizar esse passo respondendo, por exemplo, o que essa leitura diz para nós e o que precisamos mudar em nossa vida a partir do texto lido? A meditação torna o texto atual e o traz para dentro de nossa realidade existencial. [11]

O terceiro passo é a oração. Nesse passo somos convidados a conversar com Deus por meio do texto lido e meditado. Formulamos do nosso jeito a oração a ser feita. Podemos fazê-la em forma de pedido, agradecimento ou louvor; por escrito ou mentalmente. A oração que brota da leitura e meditação provoca em nós uma atitude de admiração e de adoração a Deus e ao seu Filho morto e ressuscitado. [12]

O último passo da Leitura Orante é a contemplação. Pode-se afirmar que esse é o degrau mais avançado de oração. Na contemplação percebemos a ação de Deus dentro de nós. Diante do texto lido, meditado e rezado nos perguntamos: como Deus agiria nessa situação? Mestre, o que quer que façamos? Não há necessidade de multiplicar as palavras nesse passo da Leitura Orante. Contemplar é deixar-se renovar pela pessoa e obra de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. [13]

A Leitura Orante da Bíblia, exercício espiritual presente desde o início do cristianismo e depois na vida dos monges nos mosteiros, deve ser, para nós catequistas, uma experiência pessoal e comunitária a ser seguida como fortalecimento e enriquecimento para uma adequada e substanciosa vida de discípulos-missionários. Enfim, a Palavra de Deus na catequese é parte essencial e integrante. É a principal fonte de espiritualidade do catequista. É por meio dela que o catequista vai orientar e conduzir os catequizandos ao encontro do Filho amado de Deus.

A Sagrada Escritura é um dos mais preciosos meios de sustentação na vida e missão do catequista, pois somente alicerçado nela conseguirá manter sua missão profética e mistagógica no ministério confiado.

> A atividade catequética implica sempre abeirar-se das Escrituras na fé e na Tradição da Igreja, de modo que aquelas palavras sejam sentidas vivas, como Cristo está vivo hoje onde duas ou três pessoas se reúnem em seu nome (cf. Mt 18,20). A catequese deve comunicar com vitalidade a história da salvação e os conteúdos da fé da Igreja, para que cada fiel reconheça que a sua vida pessoal pertence também àquela história. [14]

Em se tratando da Sagrada Escritura é interessante saber que, no Brasil, setembro é considerado o mês da Bíblia por causa da festa litúrgica de São Jerônimo, grande tradutor e intérprete das Sagradas Escrituras, cuja festa a ele dedicada é 30 de setembro. Tal iniciativa partiu da Liga de Estudos Bíblicos, cuja origem se deu com os professores de Bíblia do Instituto Pio XI, dos salesianos em São Paulo, nos inícios do movimento bíblico por volta dos anos 1950 e 1960.

Para responder

1. Por que a Palavra de Deus é um dos mais preciosos meios de sustentação na vida e na missão de catequistas?

II.

A CATEQUESE COMO EDUCAÇÃO DA FÉ E A LITURGIA COMO CELEBRAÇÃO DA FÉ

A CATEQUESE COMO EDUCAÇÃO DA FÉ: PEDAGOGIA E METODOLOGIA CATEQUÉTICA

A Sagrada Escritura, por meio dos seus textos, nos ensina que Deus Pai é o revelador, comunicador e educador da nossa fé. Ele como educador da fé se comunica por meio dos acontecimentos e fatos da vida do seu povo para que cada um possa fazer a experiência de seu mistério. Sua pedagogia e metodologia se expressam na realidade existencial de cada criatura humana, acolhendo e respeitando em sua originalidade, capacidade e possibilidade. [1]

A pedagogia e a metodologia catequéticas têm como modelo o próprio Jesus Cristo, Mestre e Senhor. A sua maneira de viver, acolher, falar e ensinar motivou os seus discípulos a viver de acordo com os seus ensinamentos. [2]

O Espírito Santo de Deus é o autor e inspirador de toda atividade catequética. Sem ele é impossível catequizar. Ele é o Mestre que faz compreender e viver as palavras e gestos salvíficos de Jesus. É ele que organiza e faz a síntese entre o conhecimento intelectual e a experiência amorosa da vida em Deus. [3]

O objetivo da pedagogia e da metodologia é ajudar as pessoas no amadurecimento da fé, da esperança e da caridade. A fé é dom gratuito de Deus e, ao mesmo tempo, é adesão pessoal a ele. Deus serve-se, em sua infinita bondade e sabedoria, de pessoas, grupos, situações e acontecimentos. A Igreja é mediadora nesse encontro misterioso entre Deus e a pessoa humana; por sua vez, em nome da Igreja, os catequistas são chamados a fazer essa mediação a fim de que os catequizandos cheguem ao conhecimento da verdade e da salvação. [4]

A catequese, à luz da pedagogia divina, preocupa-se em buscar os meios mais apropriados para o cumprimento da sua missão evangelizadora. A Igreja não possui um método único e próprio para a transmissão da fé, mas se utiliza dos diversos métodos contemporâneos na sua variedade e riqueza, desde que estejam em sintonia com os pressupostos cristãos. O catequista, como educador da fé, necessita de algum conhecimento de ciências humanas, como a filosofia, a psicologia, a sociologia, a pedagogia, a biologia, entre outras, para oferecer aos catequizandos compreensão melhor do mundo, das pessoas e dos seus relacionamentos, nas diversas situações em que se encontram. [5]

O método proposto pela Igreja para a educação da fé é fundamentalmente o caminho do seguimento de Jesus Cristo (cf. Mt 16,24; Lc 9,23; Jo 14,6). [6]

A palavra “método” vem do grego e significa caminho, estrada que ajuda a chegar a um determinado lugar ou alcançar a meta proposta.

A catequese se serve do método dedutivo e indutivo na educação da fé. O método dedutivo parte de um dado mais amplo ou geral como a Bíblia, a Doutrina, as

formulações litúrgicas e o Magistério, para "deduzir" daí as conclusões práticas, específicas e particulares para a vida de cada um. Na prática, esse método tem a finalidade de apresentar as verdades fundamentais da fé e, a partir daí, integrá-los à vida de cada catequizando. O método indutivo parte do particular para o geral, isto é, parte das situações, das inquietações humanas e experiências religiosas para chegar às respostas e às formulações da fé. Pode-se afirmar que na catequese um método não exclui o outro. [7]

Apesar de alguns especialistas, particularmente os da área da metodologia científica, não considerarem propriamente um método, a Igreja latino-americana serve-se do esquema ver, iluminar, agir, celebrar e rever como recurso didático-pedagógico-catequético. Esses cinco passos, ver, iluminar, agir, celebrar e rever, são reconhecidamente um processo dinâmico na educação da fé. "Ver" é um olhar crítico e concreto a partir da realidade da pessoa, dos acontecimentos e dos fatos da vida. A catequese motiva os catequizandos a conhecer e analisar criticamente a realidade social em que vivem e, por sua vez, ver à luz da fé pode colaborar na transformação da realidade. "Iluminar" consiste na leitura e na escuta da Palavra de Deus ou no estudo da doutrina da Igreja e, a partir daí, refletir e analisar a realidade para questioná-la e procurar soluções para os problemas. "Agir" é o momento de tomar decisões, orientando a vida na direção das exigências do projeto de Deus. Agir é o exercício verdadeiramente profético, ou seja, promover integralmente as pessoas, servir os mais necessitados, lutar por justiça e paz, denunciar e transformar evangelicamente as estruturas desumanas em favor do bem comum. "Celebrar" é o momento privilegiado para a experiência da graça divina. É por meio da oração que o catequizando cresce no amadurecimento da fé. "Rever" é ver de novo a caminhada da catequese, retomando todo o processo. É o momento de sintetizar o caminho percorrido, valorizar os catequistas e os catequizandos, aprofundar as etapas e os compromissos assumidos. [8] Historicamente, esse "método" é de origem europeia – ver, julgar e agir –; ao longo do tempo e da prática aqui na América Latina foram acrescentados outros dois elementos: celebrar e rever.

O trabalho em grupo, a técnica das oficinas aplicada à catequese, a memorização, os recursos tecnológicos e os meios de comunicação são instrumentos eficazes para a educação da fé, no entanto nenhuma metodologia dispensa a pessoa do catequista no processo de catequese. Ele é a alma de todo método, o mediador que facilita a comunicação entre os catequizandos e o mistério de Deus, das pessoas entre si e a comunidade. [9]

O catequista, ao tomar consciência da catequese como educação da fé e ao saber da importância da necessidade do uso dos recursos pedagógicos e metodológicos, não pode perder de vista a dimensão mistagógica da sua missão evangelizadora. Ele sabe que o encontro de catequese não é uma sala de aula; não se trata de uma relação entre professor e aluno, mas catequista e catequizando. O encontro catequético é uma realidade de fé, um momento oportuno e propício para o encontro pessoal do catequizando com Jesus Cristo, Mestre e Senhor, do qual somos seus discípulos-missionários.

Eis alguns elementos importantes para os encontros de catequese que os catequistas poderão utilizar:

1. Acolher com alegria, respeito e carinho todos os catequizandos, inclusive os seus pais.
2. Conhecer os catequizandos e as suas realidades.
3. Chamar os catequizandos pelo nome de Batismo.
4. Usar a Bíblia em todos os encontros: ela deve ser usada sempre.
5. Rezar com os catequizandos, rezar por eles e ensiná-los a rezar. A oração é um dos elementos essenciais nos encontros de catequese.
6. Ter sempre em mente que a pessoa de Jesus Cristo deve ser o centro de todos os encontros.
7. Chegar primeiro e sair por último. A presença do catequista à chegada e saída é muito importante no processo de educação à fé.
8. Deixar o ambiente preparado e organizado para os encontros.
9. Ter o conteúdo e o método organizados antecipadamente.
10. Evitar todo e qualquer tipo de improvisação.
11. Valorizar os dons, os talentos e as colaborações dos catequizandos.
12. Estar sempre em sintonia com o pároco e os coordenadores.
13. Testemunhar o que fala e ensina. A presença e o testemunho do catequista são fundamentais em todos os momentos da vida paroquial.
14. Assumir o ministério da catequese como compromisso e por isso evitar faltar aos encontros.
15. Saber usar com critério e criatividade os recursos didático-pedagógicos. Ter sempre a consciência de que o catequista é educador da fé e não educador escolar.
16. Dialogar com os catequizandos.
17. Ser presença de Deus no meio dos catequizandos.
18. Evitar fazer comparações entre os catequizandos. Cada um possui qualidades e defeitos.
19. Ter a consciência de que está evangelizando em nome da Igreja e não em nome próprio.
20. Possibilitar encontros alegres e descontraídos.
21. Controlar aqueles que gostam de falar demasiadamente e possibilitar aos que são tímidos se desenvolverem intelectual e religiosamente.
22. Manter a disciplina com bondade, ternura e firmeza.

Para responder

1. Destaque dez elementos didático-pedagógicos que você considera muito importantes para um encontro de catequese.

CATEQUESE E LITURGIA: DUAS "IRMÃS GÊMEAS" INSEPARÁVEIS

A partir da história religiosa, observa-se que as comunidades cristãs têm sua origem no Antigo Povo de Israel. Os israelitas, desde Abraão, Sara, Agar, Isaac, sentiram o chamado para se consagrar a Deus por meio do amor ao próximo, da oração, da prática da justiça, do sacrifício e da obediência à Lei. Os pais, pela prática da solidariedade e fraternidade, ensinavam os filhos a respeitar a vida e preservar a dignidade de todas as pessoas. Patriarcas, reis, sacerdotes, profetas e o povo em geral foram se organizando e formando o Povo de Deus.

No Novo Testamento, o Povo de Deus começou a se organizar quando alguns pescadores da Galileia se encontraram com Jesus. Com ele, tiveram um encontro pessoal. A partir daí, responderam afirmativamente ao convite do Mestre e Senhor: "Vem e segue-me" (Mc 1,17; Mt 4,19).[1]

Como se observa, a vocação dos primeiros discípulos é, sem dúvida, fruto do encontro pessoal com Cristo, que faz despertar neles o desejo e o compromisso de se consagrarem radicalmente a Deus, no serviço da catequese (do ensinamento da fé) e da liturgia (da celebração do mistério).

O encontro pessoal com o Senhor transformou suas vidas, despertando encanto e sedução. A partir desse momento, foram adquirindo o desejo pela vida espiritual, catequética e litúrgica. Esse estilo de vida os uniu de tal forma com o Senhor que decidiram segui-lo com entusiasmo, perseverança e total dedicação, comunicando aos outros a própria experiência. As outras pessoas também são convidadas a fazer a experiência vocacional de discipulado missionário.

Após a morte de Jesus, imediatamente os discípulos se esconderam, pois não tinham coragem nem mesmo de ir ao encontro dos demais discípulos (cf. Jo 20,19). Desanimados, desconsolados e inibidos, procuraram sair de Jerusalém sem rumo e direção (cf. Lc 24,13; Mc 14,27). Até mesmo a fé já lhes parecia ter acabado, pois nem sequer acreditaram na notícia esperançosa que as mulheres lhes contaram após o episódio da cruz (cf. Lc 24,11).[2]

Porém, depois da experiência que tiveram com o Ressuscitado, especialmente no caminho de Emaús (cf. Lc 24,13-35), tudo se transforma imediatamente. Os discípulos recuperam o sentido da vida, sobretudo o compromisso com a missão. Conseguem recobrar o ardor e o desejo de anunciar a Boa-nova (Mt 28,10), fazer novos discípulos e batizar (cf. Mt 28,19), perdoar (cf. Jo 20,23), servir (cf. Jo 13,14), celebrar a memória do Ressuscitado (cf. 1Cor 11,14) e testemunhá-lo em todo o mundo (cf. At 1,18).[3]

Essas considerações são necessárias para fazer pensar no sentido da catequese e da liturgia, tendo em vista que a catequese consiste no encontro pessoal com Cristo por

meio da adesão do catequizando ao Mistério Pascal. A liturgia é celebração desse encontro, é celebração da fé, de onde brota toda a espiritualidade e o compromisso cristão. Somente a partir dessas vertentes podemos pensar no verdadeiro sentido da transmissão, da vivência e da celebração da fé, o que faz da catequese e da liturgia "irmãs gêmeas", inseparáveis.

O modo de celebrar a liturgia e de fazer catequese dos primeiros cristãos era idêntico ao da comunidade judaica. Os discípulos continuaram, por algum tempo, participando do Templo e do modo de rezar dos judeus. Só mais tarde os primeiros cristãos foram elaborando o jeito cristão de celebrar. À medida que o tempo foi passando, as celebrações foram tomando formas próprias e se constituindo a liturgia cristã propriamente dita. O mesmo pode-se dizer a respeito da catequese.

Ao se considerar a Eucaristia, por exemplo, em seus elementos rituais originários, nota-se, de um lado, uma continuidade com a liturgia judaica e, de outro, os posteriores acréscimos substanciais e culturais ao longo da história. Mas há, sobretudo, uma grande novidade, pois na Eucaristia está presente a ação pascal do próprio Jesus, que entregou sua vida por nós e ressuscitou glorioso.[4]

De acordo com os Atos dos Apóstolos (2,42), no início do cristianismo, os cristãos celebravam a Eucaristia em suas casas. Chamavam essa celebração de fração do pão; em algumas circunstâncias dizia-se também Ceia do Senhor. Só no final do século I e início do II, com a Didaché (Catecismo dos primeiros cristãos), a celebração da Ceia passará a se chamar Eucaristia.[5]

Em se tratando de catequese e liturgia, não pode ser esquecido um dos textos mais antigos que comenta a relação entre a Eucaristia e o Domingo, o dia do Senhor. Trata-se, por sua vez, de uma catequese a respeito da celebração que os primeiros cristãos realizavam. O texto, escrito por volta do ano 155, é de Justino, leigo cristão e filósofo de profissão. Samaritano de nascimento (da população grega de Nablus), redigiu uma carta para explicar ao imperador pagão Antonino Pio (138-161) e a seu filho, o futuro imperador Marco Aurélio, como os cristãos daquela época viviam e celebravam a fé. Justino deu a vida pela causa de Jesus Cristo, tornando-se mártir:[6]

> No dia do sol, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades, quer dos campos. Leem-se, na medida em que o tempo o permite, ora os comentários dos Apóstolos, ora os escritos dos Profetas. Depois, quando o leitor terminou, o que preside toma a palavra para aconselhar e exortar à imitação de tão sublimes ensinamentos. A seguir, pomo-nos todos de pé e elevamos nossas preces por nós mesmos [...] e por todos os outros, onde quer que estejam, a fim de sermos de fato justos por nossa vida e por nossas ações, e fiéis aos mandamentos, para assim obtermos a salvação eterna. Quando as orações terminaram, saudamo-nos uns aos outros com um ósculo. Em seguida, leva-se àquele que preside aos irmãos pão e um cálice de água e de vinho misturados. Ele toma e faz subir louvor e glória ao Pai do universo, no nome do Filho e do Espírito Santo e rende graças em grego: *eucharístia*, que significa "ação de graças" longamente pelo fato de termos sido julgados dignos destes dons. Terminadas as orações e as ações de graças, todo o povo presente prorrompe numa aclamação dizendo: Amém. Depois de o presidente ter feito a ação de graças e o povo ter respondido, os que entre nós se chamam diáconos distribuem a todos os que estão presentes pão, vinho e água "eucaristizados" e levam (também) aos ausentes.[7]

Fundamentalmente, a catequese, como educação da fé, e a liturgia, como celebração

da fé, são duas funções estrategicamente relacionadas com a missão evangelizadora e pastoral da Igreja. As duas realidades se complementam e fazem parte da natureza e da razão de ser da Igreja. Por isso podemos afirmar que a catequese litúrgica é um processo que visa enraizar o amadurecimento consciente e responsável dos catequizandos com Cristo e a Igreja. [8]

A catequese possibilita, por meio do aprendizado da fé, a significação das ações litúrgicas, e a liturgia, por sua vez, possibilita a memória (celebrada) daquilo que é transmitido pelo ensinamento da Igreja (catequese). Uma completa a outra: a catequese apresenta os conteúdos da fé; e a liturgia celebra esta fé, transmitida e vivida ao longo dos séculos. Sendo assim, a partir dessa unicidade, entramos em contato com o mistério pascal de Jesus Cristo, Mestre e Senhor, razão de nossa peregrinação na terra em busca da Jerusalém Celeste, onde "Deus será tudo em todos" (1Cor 15,28).

No início do cristianismo, a relação entre catequese e liturgia era substancial e profunda. Com o passar do tempo, restringiu-se ao culto da Eucaristia e dos demais Sacramentos, o que provocou certo "rubricismo" na liturgia e, por isso, o isolamento das ações litúrgicas e das ações catequéticas. Foi precisamente no século VI que a catequese e a liturgia se distanciaram: a catequese passou a priorizar os conteúdos doutrinais da fé, em detrimento da mistagogia e da própria liturgia. A partir desse século, as duas "irmãs gêmeas" se separaram. [9]

Cabe a cada um de nós, catequistas de hoje, juntar novamente essas duas irmãs que de certa forma ainda estão separadas. É nossa missão resgatar, nos encontros de catequese e nas celebrações, o sentido profundo e amplo dessas duas realidades inseparáveis a fim de que a catequese não se torne um depósito de conteúdos, e a liturgia, uma ação esvaziada do sentido e do conteúdo da fé.

Com a reforma do Concílio Vaticano II, volta-se à preocupação original dos primeiros tempos, ou seja, o resgate da centralidade da celebração do mistério pascal em todas as dimensões da Igreja, sobretudo no que diz respeito à liturgia e, por conseguinte, estendida à catequese. O Concílio, por meio de um documento específico sobre a Sagrada Liturgia (*Sacrosanctum Concilium)*, resgatou valores essenciais que se perderam durante o segundo milênio da era cristã, como a centralidade do Mistério Pascal, a consciência da presença real do Senhor na globalidade da celebração, a importância da Palavra de Deus proclamada, o sentido comunitário da liturgia, a participação ativa da assembleia, os sacramentos como atualização do Mistério Pascal etc. Podemos afirmar que, após o Vaticano II, a centralidade do Mistério Pascal voltou a ser, como nos primórdios do cristianismo, o centro de toda a atividade litúrgico-catequética. [10]

Considerando o espírito do Concílio Vaticano II, expresso particularmente na *Sacrosanctum Concilium*, podemos afirmar que a liturgia tem uma importante função catequética, embora a celebração litúrgica não se caracterize como uma catequese em sentido estrito. [11] Assim sendo, não se deve transformar a celebração litúrgica em encontro de catequese. Os fiéis cristãos, na divina liturgia, celebram e vivem os mistérios. Embora a liturgia seja, principalmente, culto da Majestade Divina, ela colabora também

para o ensinamento do povo querido de Deus. [12]

Voltando às considerações do Vaticano II, devemos compreender que o mesmo apresentou um espírito novo e transformador para a Igreja, especialmente para a catequese e a liturgia. O Concílio devolveu às "duas irmãs gêmeas" o caráter teológico, pastoral e espiritual. Preocupou-se em manter a Tradição, mas abriu caminho para uma adaptação e compreensão do mistério celebrado, quer catequética ou liturgicamente, levando em consideração a cultura e a realidade de cada Igreja local. [13]

O Concílio propôs estimular sempre mais a vida cristã entre os fiéis, adaptando-se às necessidades dos tempos modernos e levando em consideração a língua própria de cada país. Como consequência dessa nova compreensão, devolveu a dimensão comunitária da participação dos fiéis, própria do início do cristianismo e que foi se perdendo ao longo dos séculos. A participação dos fiéis na liturgia e, por sua vez, na catequese, foi um dos principais objetivos da reforma litúrgica proposta pelo Concílio. [14]

O Concílio insistiu ainda na afirmação do lugar especial da Palavra de Deus nas celebrações, particularmente na celebração da Eucaristia. A Palavra de Deus é apresentada como alimento. Ouvindo, comemos e bebemos a Palavra de Deus. Sem a Palavra, que sentido pode ter o alimento? Ao recebermos o Corpo e o Sangue de Cristo, nós nos empenhamos em "fazer memória dele" por meio de nosso comportamento cotidiano e de nossa adesão ao compromisso de discípulos missionários. As duas realidades, isto é, a Eucaristia e a Palavra estão interligadas de maneira tão estreita que formam um só ato de culto, uma só celebração. [15]

O catequista, na visão do Concílio Vaticano II, é um facilitador da ação do Espírito na vida de cada pessoa, no processo de conversão ao Senhor Jesus. O Concílio revolucionou a vivência espiritual e a participação do fiel cristão na vida catequética e litúrgica. Se até então a vida litúrgico-espiritual se caracterizava como "fuga do mundo" e refúgio individualizado em Deus, a teologia do povo de Deus e da nova postura da Igreja, diante do mundo, encaminha o cristão para uma espiritualidade laical, comunitária, inserida num contexto histórico determinado. Trata-se de uma espiritualidade que vai se tornando uma mística interior, ou seja, uma força interior que motiva para a ação, para o testemunho, para o seguimento de Jesus Cristo e para a ação concreta do cristão na transformação da sociedade e do mundo. [16]

A Igreja é, por natureza, essencialmente missionária. Sua missão evangelizadora, iniciada no dia de Pentecostes, foi sempre marcada por um profundo ardor missionário. A exemplo de Jesus e sua Igreja e, sobretudo, a partir da catequese e do comprometimento com as celebrações litúrgicas das quais participamos, somos chamados a nos tornar corajosos e esperançosos missionários na construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário. [17]

O catecismo da Igreja Católica, ao falar de catequese e liturgia, assim se expressa:

> A liturgia é o ápice para o qual tende a ação da Igreja, e ao mesmo tempo é a fonte donde emana toda a sua força. Ela é, portanto, o lugar privilegiado da catequese do Povo de Deus. A catequese está intrinsecamente ligada a toda ação litúrgica e sacramental, pois é nos sacramentos, e sobretudo na Eucaristia, que Cristo Jesus

age em plenitude para a transformação dos homens. A catequese litúrgica tem em vista introduzir no mistério de Cristo (ela é mistagogia), procedendo do visível para o invisível, do significante para o significado, dos sacramentos para os mistérios. [18]

O Catecismo, ao se servir das afirmações do Concílio Vaticano II, destaca a liturgia como cume e fonte da vida cristã, realçando a importância e a profunda ligação existente entre catequese e liturgia. Revela a centralidade do Mistério Pascal que deve passar e perpassar toda a realidade humana. De fato, a ação de Cristo incide na transformação da humanidade, tornando o ser humano sal e luz em uma sociedade que necessita, a cada dia, ser construída e reconstruída à luz da justiça, da verdade e da solidariedade. [19]

Mãos à obra! O Concílio já resgatou as riquezas da centralidade do Mistério Pascal. Cabe a cada um de nós, agora, a tarefa de traduzir ou explicitar na catequese e na liturgia a grandeza e a relevância de Jesus de Nazaré, o morto-ressuscitado, o verdadeiro Senhor e Mestre da vida e da história de cada um de nós.

A catequese, em sua função pedagógica de educação da fé, tem por missão educar para a sagrada liturgia a fim de que a celebração seja verdadeiramente expressão de fé e vivência no Mistério Pascal de Jesus; tal educação da fé, por meio dos sinais litúrgicos, chama-se mistagogia. A missão da catequese é possibilitar que o resplendor do Cristo ressuscitado seja refletido no mundo todo e santamente celebrado na liturgia. A palavra catequese carrega consigo a ideia de "eco" (do grego: *echos*), ou seja, nela se esconde o "ecoar de algo". Para nós, cristãos, este algo é a Palavra divina; é o mistério da vida, morte e ressurreição de Jesus, nosso amado Mestre e Senhor. Tal eco deve continuar a ecoar a partir da liturgia vivida e celebrada na vida e história de cada fiel cristão, sobretudo dos consagrados, no ministério catequético. [20]

O seguimento de Jesus Cristo exige de nós, na qualidade de discípulos-missionários, uma radical vivência catequético-litúrgica. Uma espiritualidade genuinamente centrada no Mistério Pascal do Senhor, na vivência da sua Palavra e, sobretudo, no amor e no respeito ao próximo. O catequista, em sua missão mistagógica, carrega consigo um profundo amor em favor do outro, amor que é fruto do encontro pessoal com o Senhor, sua Palavra e os sacramentos.

A pessoa do catequista, envolvida com Jesus Cristo e com os seus ensinamentos, participa eficazmente de sua graça libertadora e, por isso, entra em comunhão de vida com Deus, tornando-se, para os outros, sinal sensível e visível do amor de Cristo, amor manifestado pela humanidade e celebrado em cada mistério que a Igreja nos convoca e nos propõe celebrar.

O catequista, profundamente alicerçado no Mistério Pascal do Senhor, por meio da catequese e da liturgia, professa sua fé em Jesus, preservando sua espiritualidade e humanidade cristã, em contraposição a qualquer outro "espiritualismo", isto é, uma espiritualidade irreal, subjetiva e intimista.

Apesar de termos sofrido imensamente a separação entre catequese e liturgia ao longo dos séculos, o Concílio Vaticano II – dom de Deus, novo Pentecostes suscitado por mentes e mãos carinhosas, as do papa São João XXIII e, posteriormente, as de Paulo VI –

permitiu-nos retornar às origens do cristianismo, o que possibilitou o resgate da compreensão e vivência do Mistério Pascal do Senhor na vida da Igreja.

Como vimos, na comunidade dos primeiros cristãos havia uma perfeita harmonia entre fé, vida, catequese e liturgia. Com base nessa interação entre fé e vida, experimentada à luz da Palavra de Deus, da oração, da Eucaristia e da comunhão fraterna, nos sentimos convidados, enquanto catequistas, a traduzir com a nossa vida os mesmos sentimentos de Jesus Cristo, nosso Mestre e Senhor. Esse convite suscita a necessidade de despertarmos em nossos catequizandos o mesmo fascínio daquele tempo, por meio da adesão a Jesus Cristo e ao Evangelho. Na qualidade de discípulos-missionários, somos impelidos a viver uma autêntica e profunda vida catequético-litúrgica.

O catequista, a exemplo de Jesus, Mestre e Senhor, tem consciência de que o seu ser evangelizador e missionário está comprometido com a pessoa do outro, com a comunidade e a sociedade como um todo. É nessa complexidade que o catequista é chamado a realizar sua missão catequético-litúrgica. Nesse contexto, o discípulo-missionário é convidado a renovar a paróquia como comunidade de comunidades, como comunidade que acolhe, ama, solidariza, mas que também vai ao encontro para evangelizar os diversos espaços da cidade, sobretudo aqueles nos quais a evangelização ainda não chegou.

Que a exemplo de Jesus, o primeiro "ecoador" do Pai e o catequista por excelência, e de sua Mãe, discípula-missionária do Filho, dos apóstolos e dos inúmeros colaboradores, possamos também nós "ecoar" a Boa-nova a partir da experiência pascal vivida na catequese celebrada cotidianamente na liturgia, em nossas comunidades.

Em suma, catequese e liturgia, duas "irmãs gêmeas" inseparáveis, devem fazer "ecoar" o mistério da fé na vida e na história de cada catequista e catequizando. Ambas precisam consolidar a ligação entre fé e vida, superando toda e qualquer visão reducionista de catequese. É urgente a revalorização do sentido mistagógico da realidade catequético-litúrgica. De mãos dadas, essas duas "irmãs gêmeas" precisam superar os modelos ultrapassados de metodologia catequética, particularmente no que diz respeito aos encontros, para que sejam encontros celebrativos e orantes, que levem de fato o catequizando ao encontro pessoal com Jesus, nosso Mestre e Senhor.

Para responder

1. Como, em sua comunidade paroquial, tem sido a vivência entre catequese e liturgia?

CATEQUESE E INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ[1]

A catequese como educação da fé se preocupa com a formação de todos os cristãos, particularmente com a dos catequizandos. Hoje, uma das grandes dificuldades que encontramos na Igreja refere-se à evangelização. A grande maioria das pessoas que chega às nossas paróquias em busca do Batismo ou de catequese para a primeira Eucaristia e Confirmação (Crisma) para seus filhos não é devidamente evangelizada. Parece-nos que não há uma iniciação à vida cristã adequada. O que queremos aprofundar nesse estudo é justamente a questão da relação entre catequese e iniciação à vida cristã.

> Dedicada à tarefa de Iniciação à vida cristã, a catequese deverá acentuar a centralidade da pessoa de Jesus Cristo. Fazendo nascer naquele que está sendo iniciado o desejo de viver como Jesus viveu, de mudar de vida, de se integrar ao grupo catequético e à comunidade eclesial, descobrindo gradativamente o plano divino da salvação do Pai, no seu Cristo, realizado mediante a Igreja para todo o gênero humano. Tal catequese insistirá no fazer a experiência do encontro com o Senhor, mediante vivência comunitária.[2]

É importante ter a consciência de que a catequese como conhecemos hoje nasceu dentro do grande processo de iniciação à vida cristã, impropriamente chamada de catecumenato, pois esse nome se deveria reservar apenas ao segundo momento, passo ou degrau no processo da iniciação. Historicamente, quando esse processo desapareceu, restou apenas a catequese de cunho doutrinal, que conhecemos e que temos em nossas comunidades paroquiais, pois o ambiente de cristandade, então instaurado, realizava visivelmente o papel da iniciação à vida cristã. Assim sendo, a catequese se resumia ao ensinamento da doutrina, e a cristandade resolvia as outras dimensões do processo de iniciação. É necessário tomarmos consciência de que devemos inserir a catequese doutrinal, como ensino e instrução que temos hoje, e recolocá-la dentro do grande processo da iniciação à vida cristã, tendo presente que iniciação à vida cristã, compreendida como esse grande processo iniciático, é maior do que a catequese e, logicamente, a catequese é menor do que iniciação cristã, à qual a catequese está subordinada, isto é, a serviço dela.

> No início do cristianismo, a catequese era o período em que se estruturava a conversão. Os já evangelizados eram iniciados no mistério da salvação e num estilo evangélico de ser: experiência de vida cristã, ensinamento sistematizado, mudança de vida, crescimento na comunidade, constância na oração, alegre celebração da fé e engajamento missionário. Este longo processo de iniciação, chamado catecumenato, se concluía com a imersão no mistério pascal através dos três grandes Sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia. A catequese estava, pois, a serviço da iniciação cristã.[3]

Entende-se por iniciação à vida cristã todo o processo pelo qual alguém é incorporado ao mistério pascal de Cristo Jesus. Significa também o ingresso em uma vida nova, isto é, a vida experienciada na comunidade cristã. Segundo os princípios teológicos, o processo de iniciação à vida cristã se desenvolve e se realiza na celebração dos sacramentos do Batismo, da Eucaristia e da Confirmação (Crisma), denominados a partir

do Concílio Vaticano II de sacramentos da iniciação.[4]

> Os seres humanos, libertos do poder das trevas, graças aos sacramentos da iniciação cristã, mortos com Cristo, com ele sepultados e ressuscitados, recebem o Espírito de filhos adotivos e celebram com todo o povo de Deus o memorial da morte e da ressurreição do Senhor.[5]

A iniciação à vida cristã era uma realidade presente em algumas comunidades nas origens do cristianismo, mas que ao longo dele foi se perdendo no tempo. Os cristãos se serviram de costumes antigos de religiões pagãs e de outras correntes religiosas para elaborar o processo de iniciação à vida cristã, quanto à metodologia, e não quanto ao conteúdo, que permanece o mesmo dos Evangelhos. A palavra "iniciação" origina-se da língua latina *in-ire*, isto é, ir para dentro. É o processo pelo qual se coloca alguém na condição de entrar num processo de vida dentro de uma Comunidade. No século II, em várias comunidades do Oriente Médio, Grécia, Europa Mediterrânea e Norte da África, a Iniciação já fazia parte do processo de evangelização. Nesse período essa atividade iniciática passa-se a chamar "catecumenato", palavra de origem grega que significa o processo pelo qual a pessoa é iniciada. O objetivo dessa iniciação consistia no aprofundamento da fé, como adesão pessoal a Jesus Cristo e a tudo o que ele revela. Era o caminho ordinário para conduzir o adulto (e não crianças) aos mistérios divinos, à conversão, à profissão de fé e à participação na comunidade. O Evangelho era a base do ensinamento, o querigma, isto é, o anúncio fundamental da fé em Jesus Cristo.[6]

> A iniciação cristã é central na vida da Igreja e merece ser refletida à luz dos passos dados ao longo da história. Desde os primórdios da Igreja, a iniciação cristã é fruto do encontro, da conversão e da comunhão com o Senhor [...] A mudança de época atual exige que o anúncio de Jesus Cristo não seja mais pressuposto, porém explicitado continuamente. A tradição familiar do Batismo de crianças já não garante a necessária evangelização posterior; o indivíduo é estimulado a construir sua própria identidade de fé num mundo plural [...] Atento a essa realidade, os padres do Concílio Ecumênico Vaticano II, num desejo de renovação da Igreja, restauraram o catecumenato antigo com a sua pedagogia própria, tendo em vista o processo evangelizador e a conexão e a unidade do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia, que conduzem o cristão à plena participação no Mistério Pascal de Cristo.[7]

Essa Iniciação de origem catequético-litúrgica, com o passar do tempo, foi aos poucos sendo aprovada e regulamentada pelas autoridades eclesiásticas. O processo de duração da iniciação se dava entre três e quatro anos. Era constituído de uma série de ensinamentos (catequese), um conjunto de práticas litúrgico-rituais (imposição das mãos, assinalações, exorcismos, entregas etc.) e, sobretudo, de um exercício (tirocínio) de vida cristã e prática evangélica. A conclusão desse longo processo culminava na celebração da Vigília Pascal.[8]

> Uma vez consolidado, o catecumenato passa a ser uma etapa obrigatória na preparação ao Batismo, que na época inclui a unção crismal, e o catecúmeno passa também consequentemente a ser partícipe da Eucaristia. A catequese, aos poucos, vai se configurando durante o processo pós-catecumenal, pós-batismal, como aprofundamento e sistematização dos elementos fundamentais da vida cristã, visando a levar o cristão à maturação na fé, na esperança e na caridade.[9]

Revisitando a história no que diz respeito à iniciação à vida cristã, sabe-se também

que, no século VI, a catequese adquire características doutrinais, oferecida preferencialmente para crianças; o catecumenato desaparece e a compreensão da iniciação à vida cristã passa a ter outro sentido e compreensão. A partir do século VI e ao longo da Idade Média, há um total desconhecimento teórico e prático da iniciação à vida cristã. Nos séculos XIX e XX, surgem algumas iniciativas na tentativa de restabelecer o catecumenato. Podemos afirmar que a estrutura catecumenal permaneceu na vida religiosa das ordens e congregações. Estas adotaram, de certo modo, os princípios catecumenais, como, por exemplo, o noviciado, onde os noviços (catecúmenos) vivem durante um período (um a dois anos) em recolhimento, passando por diversos ritos. Nesse período, em algumas ordens ou congregações os noviços recebem o hábito religioso, mudança de nomes, entre outros ritos. Em alguns momentos da história, houve tentativas de restaurar o catecumenato; isso se deu sobretudo no século XX, com o trabalho missionário na África, toda ela evangelizada por meio do catecumenato. Somente a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) a Igreja procura recuperar o sentido da iniciação à vida cristã e do catecumenato; e por sua vez os documentos sobre catequese e liturgia passam a revalorizar e incentivar a iniciação à vida cristã para a formação e vivência da fé cristã no processo catequético e evangelizador. [10]

> A iniciação cristã é uma exigência da missão da Igreja nos dias de hoje: formar cristãos firmes e conscientes, nos novos tempos em que a opção religiosa é uma escolha e não simplesmente tradição e imersão cultural. É um dever que temos como servidores do Evangelho. E, ao cumprir esse dever, estaremos entre os primeiros beneficiados com as consequências de um processo que fará crescer na fé tanto os evangelizados como os evangelizadores e a comunidade inteira. [11]

Na perspectiva da reforma litúrgica realizada pelo Concílio Vaticano II, particularmente com o *Ritual da iniciação cristã de adultos* (*RICA*), promulgado pelo papa Paulo VI em 1972, a Igreja renovou o ritual do Batismo de adultos. Tal renovação restaurou o processo de preparação de adultos para o Batismo, como nas primitivas comunidades cristãs, restaurando o catecumenato. O *RICA*, que não se prende ao rito do Batismo nem às práticas catequéticas, trouxe um vigoroso sentido teológico para a iniciação à vida cristã ao propor um itinerário progressivo de *evangelização*, *catequese* e *mistagogia.* Nele, ainda contém os tempos e as etapas do catecumenato, com seus ritos, orações e celebrações. [12]

> O Concílio Vaticano II restaurou, para a Igreja latina, "o catecumenato dos adultos, distribuído em várias etapas". Encontram-se tais ritos no *Ordo initiationis christianae adultorum* (*Ritual da iniciação cristã dos adultos*). O Concílio, por sua vez, permitiu que, "além dos elementos de iniciação fornecidos pela tradição cristã", fossem admitidos "em terras de missão estes outros elementos de iniciação cristã, cuja prática constatamos em cada povo, na medida em que possam ser adaptados ao rito cristão". [13]

A iniciação à vida cristã é uma urgência missionária em todo o mundo. O conhecimento, o aprofundamento e a vivência dessa realidade deverão envolver toda a comunidade paroquial, particularmente os que exercem a missão catequética como as pastorais envolvidas com o Batismo, Confirmação (Crisma) e Eucaristia, sempre em perfeita harmonia com a liturgia. O itinerário da iniciação à vida cristã incluirá sempre o

anúncio da Palavra, o acolhimento do evangelho, que implica a conversão, a profissão de fé, o Batismo, a efusão do Espírito Santo e o acesso à Comunhão Eucarística. [14]

> [...] Os sacramentos da iniciação à vida cristã (Batismo, Crisma e Eucaristia) devem aparecer no processo catequético não como conclusão de um caminho de fé, mas sim como ratificação individual e comunitária, como resposta autêntica (mas não completa) e que exige um empenho constante de aprofundamento e de desenvolvimento a ser vivido e compreendido ao longo do processo catequético-litúrgico de iniciação à vida cristã. [15]

De acordo com o *RICA*, o processo de iniciação está estruturado em quatro tempos: o pré-catecumenato, o catecumenato, a purificação e iluminação, e a mistagogia. Esses tempos podem ser também chamados de graus, degraus, passos, portas, períodos ou ainda patamares. As etapas correspondem às grandes celebrações, que são passagens de um tempo a outro; são elas: o rito da admissão ao catecumenato, o rito da eleição e, como sinal maior do percurso catecumenal, a celebração dos sacramentos da iniciação à vida cristã, como ponto alto de todo o processo. Durante os tempos, ocorrem também as celebrações menores, como a inscrição dos nomes, as entregas, os exorcismos, bênçãos, unções etc. [16]

Pré-catecumenato

Trata-se do tempo dedicado à primeira evangelização. É o momento em que se apresenta ao candidato o Querigma, isto é, o primeiro anúncio da presença amorosa de Deus na vida dos seus filhos, bem como a pessoa de Jesus Cristo, enviado por ele para a salvação de todos e a ação do Espírito Santo para a santificação e transformação do candidato. A essa evangelização é dedicado todo o tempo do pré-catecumenato. Esse trabalho missionário não é tarefa só dos catequistas, mas de toda a comunidade.

Esse primeiro anúncio tem a função de despertar no iniciante o processo de conversão, de aceitação e de adesão a Jesus Cristo, Mestre e Senhor, e da comunidade de fé. Somente após a adesão a Jesus e ao seu Evangelho é que o iniciado pode continuar as etapas seguintes.

Nessa etapa, de acordo com o *RICA*, aparece a figura do introdutor, que costumeiramente chamamos de catequista, que acompanhará o iniciante e que o conduzirá ao encontro pessoal com Jesus.

Catecumenato

O catecumenato é o tempo do aprofundamento da fé, do processo de conversão, da participação ativa na comunidade, por isso é o período mais longo de todo o processo de iniciação. É o grande tempo da catequese propriamente dita.

A catequese ministrada nessa etapa se preocupará com a oração cristã, o ano litúrgico e a celebração da Palavra a fim de que os iniciantes não só ampliem seus conhecimentos sobre a mensagem cristã, mas possam traduzir na vida os mistérios do Senhor.

Há a tendência de especificar um tempo determinado para essa etapa, porém o *RICA* não determina a duração desta etapa, afirma que compete ao bispo determinar o tempo e a disciplina do catecumenato. O período do catecumenato não pode se restringir a uma transmissão de conteúdos doutrinais ou da Palavra de Deus, mas acentuar, para o iniciado, uma assimilação de tudo o que aprendeu a fim de que suscite neles atitudes de vida compatíveis com as propostas de Jesus e do seu Evangelho.

O *RICA* sugere vários ritos durante essa etapa de iniciação: celebração da entrega da Palavra, celebrações da Palavra de Deus com exorcismos, bênção dos catecúmenos, unção dos catecúmenos, entrega dos símbolos e entrega da oração do Senhor.

Purificação e iluminação

O tempo de purificação e iluminação é um período breve, porém de intensa e profunda preparação espiritual. Costumeiramente, desde a Igreja primitiva, esse tempo coincide com o tempo da Quaresma. A finalidade desse tempo é se preparar intensamente para o Tríduo Pascal, particularmente a Vigília Pascal.

Nesse tempo do processo da iniciação, deve-se ocorrer a celebração da eleição ou inscrição dos nomes, isto é, os candidatos inscrevem seus nomes no registro dos eleitos. Pode parecer um simples gesto burocrático, porém, tem profundo significado: o nome dos eleitos é inscrito no livro da Vida, diziam os Santos Padres. São chamados, a partir desse tempo, de eleitos, "iluminados" ou "co-petentes" ou outras denominações que, de acordo com as diferentes regiões e culturas, sejam mais adequadas.

Durante o período quaresmal, particularmente no terceiro, quarto e quinto domingo da quaresma, são realizados os escrutínios. De acordo com a pedagogia quaresmal, a finalidade dos escrutínios é purificar os espíritos e os corações, fortalecer o indivíduo contra as tentações, orientar os propósitos e estimular as vontades, para que os eleitos se unam mais estreitamente a Cristo e reavivam seu desejo de amar a Deus.

Mistagogia

Esse é o último tempo da iniciação. A palavra *mistagogia* significa introdução, condução ao mistério. Esse tempo tem o objetivo de levar os iniciados na fé a obter um conhecimento mais completo dos sacramentos recebidos na Vigília Pascal. É, sem dúvida, o prolongamento da experiência espiritual vivida pelos iniciados.

Tendo vivido todo esse processo de iniciação à vida cristã, o novo membro da comunidade paroquial é chamado a conviver com os demais irmãos, trilhar a vida comunitária, participar ativamente dos mistérios de Cristo e da Igreja como membro ativo e transformador da sociedade e do mundo no qual está inserido.

A iniciação à vida cristã, e nela a catequese, formam uma realidade extraordinariamente importante para a vida da Igreja. Assim sendo, o Concílio Vaticano II oferece o *RICA* como o livro litúrgico que conduz o processo de Iniciação Cristã, preciosa fonte pastoral que renovará grandemente nossa catequese.

> Faz-se necessário conhecer, valorizar e promover a aplicação do *RICA* no seu aspecto litúrgico, como itinerário de formação dos adultos e como pedagogia exemplar para toda a catequese. O *RICA* é um precioso tesouro de nossa Igreja. Os ritos nele contidos não são impostos, mas sim propostos, pois há uma larga possibilidade de mudanças e adaptações. De maneira muito sóbria, supera a visão meramente ritualista e apresenta os elementos teológicos da iniciação cristã. Restaurar o catecumenato não é simplesmente retomar algo do passado, mas resgatar a pedagogia da fé como nos primeiros séculos da Igreja, em que não se administravam os sacramentos como ritos mágicos, mas abria-se, lentamente, por meio de graus sucessivos, a fonte de formação e de vida que é a celebração dos sacramentos. Como redescoberta, o catecumenato e a nova concepção de catequese são uma volta à pedagogia das origens, quando a Igreja era essencialmente missionária. [17]

Enfim, sendo a catequese uma atividade profundamente inserida no processo da iniciação à vida cristã, somos convocados, nesse momento histórico da Igreja pós-conciliar, a abraçar os processos da iniciação à vida cristã como referência fundamental em nossas comunidades paroquiais. Não podemos perder de vista que a catequese, como ensino, aprofundamento e instrução, é uma dimensão muito importante no processo da iniciação à vida cristã, que agora, orientada pelo *RICA*, envolve todo o processo num clima espiritual, orante, bíblico e litúrgico. Somos convidados a favorecer na ação pastoral uma compreensão mais abrangente e específica no que diz respeito à iniciação à vida cristã; considerá-la, de fato, como algo que transforma e converte nossas atitudes eclesiais e sociais em realidade visível e palpável a ponto de todos dizerem, como diziam a respeito dos primeiros cristãos, "vede como se amam e como são sinais de vida, esperança e solidariedade fraterna" (cf. At 4,32-34).

> Durante muito tempo, a ação catequética limitou-se a uma memorização da síntese doutrinal transmitida pela Igreja. Urge, hoje, em nossa realidade atual, um sério trabalho catequético de inspiração catecumenal que assuma a iniciação à vida cristã como princípio fundamental da formação dos discípulos(as) missionários(as) de Jesus Cristo. A inspiração catecumenal obriga-nos a uma revisão não só do processo catequético global de transmissão da fé, mas de todo o conjunto do agir pastoral e do próprio projeto de Igreja a ser promovido e construído. [18]

Para responder

1. O que você compreende por iniciação à vida cristã?

III.

CATEQUESE E MINISTÉRIO

O “MINISTÉRIO” DO CATEQUISTA

Deus, em sua infinita bondade e misericórdia, concede a cada um de nós dons e talentos. Esses dons não podem ficar guardados, devem ser partilhados em forma de doação e serviço. Na Igreja esses dons e serviços são também chamados de “ministério”.

A palavra “ministério” é uma expressão muito ampla. Possui diversos significados. Na linguagem eclesial, pode significar desde a missão de Jesus, passando pela missão da Igreja, até os vários serviços prestados pelos cristãos e cristãs na Igreja e no mundo, tendo em vista o Reino de Deus. As palavras ministro e ministério, de origem latina, correspondem ao grego diáconos e diaconia. Jesus sempre ensinou seus discípulos a considerar sua função como serviço (cf. Jo 13,12-17). [1]

> Ministérios diversos. Com o crescimento da Igreja, os apóstolos sentem necessidade de mais pessoas para a evangelização. Os textos bíblicos do Novo Testamento trazem essa informação e essas pessoas são denominadas de evangelistas, proclamadores da Boa-nova, mestres, doutores. E todas elas são consideradas possuídas por um dom, um carisma especial do Espírito Santo. [2]

Em relação à teologia e à ação evangelizadora, a palavra “ministério” é compreendida como “um carisma em forma de serviço reconhecido pela Igreja”. O “carisma”, isto é, o dom dado pelo Espírito, nasce da fonte do Pai, se inspira na figura humilde e pobre do Filho feito homem, remete ao Espírito de amor que se faz presente entre os dois e se derrama abundantemente sobre a humanidade, como aquele Espírito que pairava sobre a criação (cf. Gn 1,2). [3]

Compreende-se por “serviço” a doação, a entrega, o ser para os outros, vistos e vividos como irmãos e irmãs. O “serviço” é a face visível, material e humana do carisma. O serviço é a vivência para o Pai e os irmãos e irmãs, como o Filho Jesus, na pobreza e na humildade, na doação e na entrega, atento às suas necessidades. [4]

Quanto aos aspectos das funções eclesiais, pode-se afirmar que há uma distinção entre “serviços” e “ministérios”. Os “serviços” não têm a mesma consistência dos “ministérios” e, por isso, não precisam nem exigem o reconhecimento oficial necessário desenhado com exatidão e clareza. “Ministério” é serviço importante, que, não existindo ou vindo a faltar, a própria missão da Igreja estaria prejudicada. [5]

“Ministério”, de fato, tem a ver com a missão da Igreja. De acordo com o Concílio Vaticano II (1962-1965), a missão do catequista é apresentada como dimensão profética, sacerdotal e real-pastoral”. [6]

O “ministério” é compromisso que, conferido pela Igreja e assumido por alguém, torna-o “responsável” por aquela função: este alguém responde por aquela função como responsabilidade própria. O “ministério” é serviço reconhecido pela Igreja. A Igreja reconhece o ministério porque se sente representada por ele. [7]

> O anúncio, a transmissão e a experiência vivida à luz do Evangelho realizam-se na Igreja particular, porque ela

existe para evangelizar, assim como a Igreja inteira. Por isso, a catequese está na base de todo trabalho da Igreja particular. O próprio modo de ser Igreja, com as relações humanas que se estabelecem, a qualidade do testemunho, as prioridades estabelecidas, determina o estilo da catequese, que reflete o rosto da Igreja particular de onde brota. [8]

O "ministério" da catequese nasce e cresce dentro de uma comunidade eclesial a partir da necessidade de preparar os cristãos para dar uma resposta de qualidade ao seguimento de Jesus. O "ministério" do catequista ocupa uma importante missão dentro da Igreja. Muitos são os serviços prestados na comunidade paroquial, porém a catequese é primordial. O catequista é um educador da fé, que se serve da pedagogia de Jesus, o Mestre e Senhor, respeitando o tempo e a pedagogia das idades.

A catequese é um ato essencialmente eclesial. Não é uma ação particular. A Igreja se edifica a partir da pregação do Evangelho, da catequese e da liturgia, tendo como centro a celebração da Eucaristia. A catequese é um processo formativo, sistemático, progressivo e permanente de educação da fé. Promove a iniciação à vida comunitária, à liturgia e ao compromisso pessoal e com o Evangelho. Mas prossegue pela vida inteira, aprofundando essa opção e fazendo crescer no conhecimento, na participação e na ação. A catequese é serviço essencial e insubstituível: o sujeito da ação catequética é a Igreja particular: os catequistas servem a este ministério e agem em nome da Igreja. Está ligada à Igreja inteira como um corpo que anuncia e transmite o Evangelho, celebra a vida nos sacramentos e assume os compromissos com a transformação da sociedade e com a evangelização do mundo inteiro. A comunidade cristã deve sentir-se responsável por esse serviço. A catequese consolida a vida da comunidade. Por isso, a Igreja é convidada a consagrar à catequese os seus melhores recursos de pessoal e energias, sem poupar esforços, trabalhos e meios materiais, a fim de organizá-la melhor e de formar para si pessoas qualificadas. [9]

A Igreja reconhece que a missão e o ministério do catequista ocupam lugar de destaque no processo da ação eclesial. Como no início da Igreja, o Espírito se serviu dos profetas e catequistas para lançar os fundamentos da fé sobre a única pedra, que é Cristo, ele se serve agora dos que respondem, na Igreja, pelo ministério da catequese para alicerçar, cimentar e edificar a vida cristã dos fiéis em busca da educação da fé.

"O ministério da Palavra exige o ministério da catequese" (DGAE 23). Dada a importância da catequese e o fenômeno da rotatividade entre os catequistas, aconselha-se "que, na diocese, exista um certo número de religiosos e leigos estáveis e dedicados à catequese, reconhecidos publicamente, os quais, em comunhão com os presbíteros e o bispo, contribuem para dar a esse serviço diocesano a configuração eclesial que lhe é própria" (DGC 231) [...] Aos catequistas reconhecidamente eficientes como educadores da fé de adultos, jovens e crianças, e dispostos a se dedicar por um tempo razoável à atividade catequética na comunidade, pode ser conferido oficialmente o *ministério da catequese* (cf. DGC 221b). [10]

O catequista, assumindo o ministério da catequese, deve se colocar, em tudo e acima de tudo, na escola de Jesus, Mestre e Senhor, o formador de seus discípulos-missionários. Deve também se unir àquela que foi a primeira discípula e catequista, a inspiradora e incentivadora da missão profética dos que exercem o ministério catequético nas comunidades paroquiais. Maria, Mãe e Mestra, educa o catequista para a plenitude da doação, da disponibilidade e do comprometimento. Capacita para a missão destinada ao povo amado de Deus, particularmente os catequizandos.

Para responder

1. O que você compreende por "ministério" do catequista e como esse "ministério" deve ser exercido na comunidade paroquial?

O “MINISTÉRIO” DA COORDENAÇÃO

Toda pessoa humana tem necessidade do convívio social para o seu crescimento e sua realização pessoal. Diante das diversas possibilidades de convivência, a comunidade cristã católica é uma das possibilidades de realização. A comunidade, enquanto grupo social, necessita de organização e coordenação.

Na Igreja primitiva, à medida que os cristãos cresciam na fé, no testemunho e na fraternidade, havia uma grande variedade de serviços e ministérios (cf. At 6,1-6). Cada um colaborava segundo o dom recebido de Deus e as necessidades da comunidade. E tudo era colocado em comum e para o bem de todos. Nesse sentido, a Igreja primitiva tornava-se modelo no exercício de ministério e, com isso, também no exercício da coordenação (cf. At 7,1-7).[1]

Como exemplo da variedade de serviços e ministérios, encontramos na comunidade cristã de Antioquia, na Síria, três importantes ministérios pastorais, que serviriam mais tarde como estruturação e organização hierárquica da Igreja propriamente dita (cf. At 13,1). Os três ministérios da comunidade de Antioquia são: o apóstolo, o profeta e o doutor. O apóstolo é aquele que vai de lugar em lugar apresentar a pessoa do Cristo Mestre e Senhor como modelo de vida. Hoje, esse ministério corresponde ao que chamamos de “o missionário”; o profeta é o responsável pelo anúncio da Palavra e da celebração litúrgica, isto é, o ministro da Palavra. Doutor, enfim, é a pessoa que tem por missão o ensinamento e a transmissão da fé, o mistagogo, isto é, o catequista, que faz um caminho espiritual com o outro, que é capaz de tomá-lo pela mão e conduzi-lo ao mistério da fé para o encontro pessoal com Jesus, Mestre e Senhor.[2]

Os dons e os talentos devem estar sempre a serviço dos demais e nunca para uso próprio. Vários dons aparecem no início das comunidades, por exemplo, profecia, diaconia, ensino, exortação, distribuição de bens, sabedoria, ciência, fé, curas e inclusive a capacidade de administrar e governar, ou seja, de coordenar (cf. Rm 12,6-8, 1Cor 12,7-10; 1Cor 12,28-30).[3]

A catequese nos últimos anos, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, fez uma grande caminhada no que diz respeito à organização. A Igreja tem consciência de que os novos desafios apresentados pelo mundo não podem simplesmente ser enfrentados, sem conhecimento ou perícia no assunto. Daí nasce a necessidade de planejar e organizar a catequese em todas as suas dimensões.

A palavra coordenar é de origem latina, *co-ordinatio,* que significa organizar o conjunto ou pôr em ordem o desconjunto. É uma ação de corresponsabilidade entre os iguais. A coordenação catequética tem por objetivo promover a união dos esforços, criar relações, facilitar a participação, realizar a interação e tornar eficaz toda organização da vida catequética. Um dos aspectos mais importantes da coordenação é criar relacionamento, ir ao encontro, motivar a renovação e a transformação. É o serviço de

animação (cf. Ez 34,11-31).[4]

Em relação à Igreja, o ministério da coordenação reveste-se da graça e da bênção de Jesus, Mestre e Senhor, que nos ensina a natureza da coordenação: servir e não ser servido (cf. Mt 20,26-28); mas animar, conduzir, orientar, encorajar, avaliar, revisar, celebrar, incentivar... (cf. Jo 10,10), colocar-se à disposição dos outros, com humildade, ternura, bondade e compaixão (cf. Jo 13,1-7).

Outra expressão bem próxima da coordenação é liderança. A palavra liderar significa, entre outras definições, "guiar". O papel do líder é estar sempre à frente, com a preocupação de que todos estejam caminhando na mesma direção. O exercício da liderança é uma conquista diária. É fruto de muita aprendizagem e treinamento. Alguns dentre nós carregam consigo, desde crianças, a semente da liderança, outros nem tanto, mas para todos é possível o exercício dessa tarefa. É algo que exige muita paciência, disciplina, esforço pessoal, humildade e desafio.

De acordo com os especialistas, há diversas maneiras de realizar o exercício da liderança: estabelecer metas, alcançar objetivos, avaliação periódica, entre outros. Para nós, cristãos, o princípio básico de qualquer liderança consiste na caridade fraterna (cf. 1Cor 13,1ss). A coordenação cristã católica prima pela fraternidade e comunhão. Caracteriza-se pelo serviço prestado com alegria, prazer e despojamento. O coordenador de catequese é capaz de distribuir as tarefas entre todos, é alguém que inspira confiança, vivência comunitária e bondade irrestrita. Sabe acolher sugestões, aceita com humildade as críticas e sabe zelar pelo crescimento humano e espiritual dos catequistas, dos catequizandos e inclusive dos seus pais.

No que diz respeito à coordenação, o *Diretório Nacional de Catequese*, em seus respectivos números 314-330, nos oferece as seguintes recomendações:[5] A coordenação é um exercício de cooperação, ação em conjunto. Jesus é a fonte inspiradora na arte de coordenar. Ele sempre quis ter ao lado um grupo significativo de colaboradores (cf. Mc 3,13-19 e Jo 1,35-51) para nos ensinar que também nós devemos exercer o ministério da coordenação em conjunto. Nada de isolamento e individualismo exacerbado.

O ministério da coordenação nasce do compromisso batismal. Não se trata de uma função, mas de um serviço em favor dos irmãos. O ministério exige dos coordenadores uma vocação missionária. É conveniente que se busque nas ciências modernas os meios para melhor organizar e planejar a vida catequética da paróquia ou da diocese.

A missão catequética é uma ação da Igreja assumida por todos, por isso não se improvisa nem fica ao sabor do imediatismo ou do gosto de uma pessoa. Faz-se necessária uma organização apropriada em nível paroquial e diocesano. A organização catequética precisa ter a consciência de que sua missão é evangelizadora e pastoral. Por isso, deverá estar sempre atenta aos clamores do Povo de Deus em suas diversas realidades sociais, culturais...

O ministério da coordenação não pode perder de vista que a organização catequética no Brasil constitui-se em vários níveis: paroquial, diocesano, regional e nacional. Vamos destacar neste estudo o que se refere à coordenação paroquial.

O documento destaca que a comunidade paroquial é o lugar fundamental de catequese. Nela a fé e a vida se entrelaçam e se aprofundam com grande vitalidade. Nessa perspectiva, o pároco é o responsável primeiro, em âmbito paroquial, pela catequese juntamente com os catequistas. É função do pároco despertar e estimular a vocação do catequista; motivar a comunidade para assumir em conjunto o crescimento da fé; orientar e promover a formação contínua dos catequistas; organizar a catequese com crianças, jovens e adultos; criar meios para atingir os que estão distantes da fé; oferecer uma catequese de qualidade aos adultos que se preparam para o Batismo, Confirmação, Eucaristia e Matrimônio; ajudar os catequistas a assumir a catequese como ministério e serviço em nome da comunidade; responsabilizar-se para que as orientações diocesanas, referentes à catequese, sejam observadas; e providenciar recursos financeiros para que a catequese alcance seus objetivos.

Em relação aos coordenadores paroquiais de catequese, o Documento sugere os seguintes requisitos: orientar, animar e coordenar, em comunhão com o pároco, a catequese paroquial nos diversos níveis; elaborar em conjunto o planejamento paroquial; facilitar a utilização de instrumentos e recursos para o bom andamento da catequese; representar a paróquia nas instâncias diocesanas; integrar a catequese com as demais pastorais; organizar a formação sistemática e permanente dos catequistas, despertar entre os catequistas a espiritualidade do seguimento de Jesus Cristo, inspirada na Palavra de Deus e celebrada na liturgia; desenvolver qualidades necessárias para um bom trabalho de equipe, despertar a capacidade de escuta e diálogo; valorizar a participação do grupo, incentivar o espírito de comunhão e participação.

O documento ainda insiste que toda paróquia deve ter uma "equipe de catequese", sob a orientação do pároco. A equipe de catequese deverá estar integrada e presente no Conselho Pastoral da Paróquia; deve articular com todos os catequistas os projetos e programas assumidos em conjunto; estar sempre em sintonia com a programação paroquial; assumir as propostas da catequese em âmbito diocesano e as orientações aprovadas pela diocese; organizar equipes nos vários níveis de catequese: crianças, jovens, adultos, Batismo, Confirmação, Eucaristia e Matrimônio, catequese junto às pessoas com deficiência; promover reuniões periódicas para programar, avaliar, rezar; assegurar formação adequada e permanente dos catequistas, organizar uma catequese permanente com os pais; e suscitar a troca de experiências entre as comunidades paroquiais.

O "ministério" da coordenação bíblico-catequética tem por objetivo organizar a ação evangelizadora da Igreja como um serviço em benefício do crescimento das pessoas e da comunidade, particularmente as que estão se preparando para o encontro pessoal e comunitário com o Senhor nos sacramentos de iniciação cristã.

Para responder

1. Qual é o objetivo do "ministério" da coordenação em uma comunidade paroquial?

O CATEQUISTA E O SERVIÇO DA CARIDADE

Todo cristão, particularmente o catequista, por sua adesão a Jesus Cristo, Mestre e Senhor, é comprometido com a causa do outro. Seguir Jesus significa doar-se completamente no serviço da caridade. O apóstolo Paulo é determinante quando menciona a vida do cristão alicerçado em Jesus Cristo:

> Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine. Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse caridade, isso nada me adiantaria (1Cor 13,1-2).

> A caridade é a mais básica das virtudes. Tomás de Aquino chamou-a de "mãe" de todas as virtudes porque todas as outras são concebidas nela [...] A caridade trabalha nos bastidores [...] A caridade ajuda-nos todo o dia a integrar as muitas motivações que nutrimos, afetando-nos nos níveis mais profundos da vida [...]. [1]

Diante da proposta de Jesus, dos apóstolos e da própria Igreja, entende-se por caridade a doação total e integral que se faz a alguém. Não podemos confundir caridade com piedade, filantropia, ideologia etc. O próprio Filho de Deus doou-se inteiramente até as últimas consequências. "Eu vim para que todos tenham vida e a tenham plenamente" (Jo 10,10). Jesus é o modelo visível de caridade. Ele é o revelador histórico, concreto e encarnado da caridade de Deus no meio de nós (cf. 1 Jo 4,9-10; Rm 5,8; Jo 3,16).

> Jesus fez da caridade o novo mandamento. Amando os seus "até o fim" (Jo 13,1), manifesta o amor do Pai que ele recebe. Amando-se uns aos outros, os discípulos imitam o amor de Jesus que eles também recebem. Por isso diz Jesus: "Assim como o Pai me amou, também eu vos amei. Permanecei em meu amor" (Jo 15,9). E ainda: "Este é o meu preceito: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (Jo 15,12). [2]

O catequisa em sua missão catequética deve ser modelo de caridade pastoral. Vive no cotidiano de sua vida a dimensão do serviço, traduzido em gestos concretos de acolhida, ternura, bondade, compreensão, respeito e misericórdia para com todos, sobretudo com os catequizandos; compreende que a caridade, além de ser um conceito teológico, é uma vivência encarnada nas diversas situações e realidades da vida.

A autenticidade da vida cristã, vivida pelo catequista, se explicita quando o cristão, comprometido com a transformação de uma sociedade mais justa e solidária, acontece sob a forma de uma vida em comunhão com as pessoas mais necessitadas e carentes, sejam quais forem as necessidades, materiais ou espirituais.

> O querigma possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade. [3]

A caridade exercida por todo fiel cristão, e particularmente pelo catequista, é a caridade proposta pela Igreja primitiva na qual a caridade é sinônimo de Deus. "Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é amor" (1Jo 4,8). E Deus é amor,

caridade vivenciada na pessoa do próximo: “Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele” (1Jo 4,16).

> Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica antes que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus manifesta a sua misericórdia antes de mais nada a eles. Essa preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuir “os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus” (Fl 2,5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma “forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja. Como ensinava Bento XVI, essa opção “está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza” [...]. [4]

Na vivência da mais autêntica tradição cristã, o catequista é impulsionado a viver a caridade nas mais diversas realidades e situações em que se encontra na sua comunidade paroquial, a começar pela família, pelos catequizandos etc. O catequista tem de ser sinal visível do amor de Deus em todas as realidades e circunstâncias. São Paulo nos exorta, em sua Carta aos Coríntios, que a caridade é a força de Deus e de todas as pessoas compromissadas com ele, particularmente os discípulos-missionários catequistas. Para ele, a caridade é paciente, prestativa, não é invejosa, não se ostenta e não se incha de orgulho; nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor; não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera e tudo suporta (cf. 1Cor 13,4-7).

> A caridade é como uma mãe guiando-nos com amor, mas com firmeza, na busca do que amamos [...] Caridade é amor, presença mesmo de Deus em nossas vidas. Como tal, ela constantemente passa por seu crivo nossas motivações, impelindo-nos a ir além de onde quer que estejamos estabelecidos. Como o amor materno, o foco inteiro da caridade dirige-nos para fora [...]. [5]

Enfim, o catequista envolvido com a pessoa de Jesus e com os seus ensinamentos participa eficazmente de sua graça libertadora e, por isso, entra em comunhão de vida com Deus, tornando-se, para os outros, sinal sensível e visível da sua caridade, manifestado pela humanidade em favor de seus catequizandos. O catequista, em sua missão mistagógica, deve carregar consigo um profundo e generoso amor ao próximo, fruto do encontro pessoal com Jesus, com sua Palavra e com os Sacramentos, transformando-se em “hóstia viva” para a transformação do mundo e da sociedade em que vivemos.

Para responder

1. Por que o serviço da caridade é importante na vida do catequista?

ESPIRITUALIDADE DO CATEQUISTA

A raiz da palavra espiritualidade tem origem no verbo latino *spirare*, soprar, ou do substantivo *Spiritus*, isto é, Espírito. No judaísmo, utiliza-se o termo *ruah*, que significa espírito, respiração, vento ou tudo aquilo que dá vida e ânimo.[1] Ao levar em consideração tais afirmações, podemos concluir que a espiritualidade é o sopro do Espírito de Deus que transforma a vida do cristão e, por sua vez, do catequista, e faz dele uma pessoa animada, comprometida, iluminada e capacitada para construir e reconstruir toda e qualquer realidade que necessita ser transformada em favor do Reino de Deus nesta terra.

> Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. No Pentecostes, o Espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. Além disso, o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo tempo e lugar, mesmo contra corrente. Invoquemo-lo hoje, bem apoiados na oração, sem a qual toda ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim das contas, carece de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa-Nova, não só com palavras, mas, sobretudo, com uma vida transfigurada pela presença de Deus.[2]

Podemos afirmar que a espiritualidade comprometida com a causa do Reino está no nosso modo de ser, viver, falar e agir. É um estilo de vida marcado pela busca de Deus, por meio de Jesus Cristo morto e ressuscitado.[3]

O catequista, em sua missão mistagógica, necessita de uma profunda vida espiritual. O seguimento de Jesus na qualidade de discípulo-missionário exige de cada um de nós uma autêntica vida espiritual.

Em sua missão evangelizadora, o catequista professa sua fé em Jesus histórico e divino, preservando a sua espiritualidade de qualquer outro "espiritualismo", isto é, de uma espiritualidade irreal, subjetiva, intimista, mas ao contrário, de uma espiritualidade alicerçada em Cristo Mestre e Senhor.

> É salutar recordar-se dos primeiros cristãos e de tantos irmãos, ao longo da história, que se mantiveram transbordantes de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio e capazes de uma grande resistência ativa. Há quem se console dizendo que hoje é mais difícil; temos, porém, de reconhecer que o contexto do Império Romano não era favorável ao anúncio do Evangelho, nem à luta pela justiça, nem à defesa da dignidade humana. Em cada momento da história, estão presentes a fraqueza humana, a busca doentia de si mesmo, a comodidade egoísta e, enfim, a concupiscência que nos ameaça a todos. Isso está sempre presente, sob uma roupagem ou outra; deriva mais da limitação humana que das circunstâncias. Por isso, não digamos que hoje é mais difícil; é diferente. Em vez disso, aprendamos com os Santos que nos precederam e enfrentaram as dificuldades próprias do seu tempo. Com essa finalidade, proponho-vos que nos detenhamos a recuperar algumas motivações que nos ajudem a imitá-los nos nossos dias.[4]

A espiritualidade vivida no Pai, no Filho e no Espírito Santo, isto é, Trinitária, nos impulsiona e nos transforma a ponto de nos tornarmos sinais sensíveis e visíveis do amor de Deus na sociedade em que vivemos e somos.

> A espiritualidade cristã na sua essência é sempre trinitária: refere-se ao Pai, fonte e destino de todo bem; ao Filho, o Deus encarnado, que na sua pessoa histórica nos revela os desígnios de salvação do Pai; ao Espírito Santo, a terceira Pessoa divina, que faz com que a obra redentora de Cristo se torne uma realidade viva e atual na existência. [5]

A vida espiritual do catequista permitirá que ele, à luz de Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado, torne-se um autêntico discípulo-missionário, assumindo o compromisso de ser sal e luz no mundo (cf. Mt 5,13-16).

A espiritualidade do catequista marca o seu próprio ser. Tal espiritualidade fará com que a sua vida seja semelhante à de Jesus, Mestre e Senhor, a ponto de afirmar aquilo que o apóstolo Paulo experimentou em sua vida: "não sou eu quem vivo, mas é Cristo que vive em mim" (cf. Gl 2,20).

A espiritualidade vivida intensamente pelo catequista fará dele o mistagogo, isto é, aquele que faz um caminho com o outro, que é capaz de tomá-lo pela mão e conduzi-lo aos mistérios da fé, sobretudo quando são celebrados na Sagrada Liturgia, para o encontro pessoal com Jesus Cristo, Mestre e Senhor.

O catequista, por sua vocação e missão, tem de ser uma pessoa de profunda vida espiritual, capaz de perceber a presença de Deus na vida das pessoas, sobretudo dos catequizandos e de seus familiares; de enxergar a ação de Deus na história e, particularmente, olhar as pessoas e o mundo com os olhos ternos e misericordiosos de Deus. O catequista de tem ser orante. A oração é indispensável na vida dele.

> A oração é como a alimentação, ou seja, podemos viver um ou dois dias sem comer, e até sem beber água. Mas chega uma hora em que o corpo não se sustenta, começa a se sentir mais fraco. Isso acontece com a espiritualidade quando não rezamos. A diferença é que o corpo continua funcionando, mas a vida espiritual entra em retrocesso, deixa de aprofundar-se quando não paramos para rezar. Em outras palavras, parar para rezar é tão importante para a espiritualidade quanto parar para comer é importante para sustentar o corpo e o funcionamento da cabeça. Ou como parar para dormir é importante para poder render no dia seguinte. [6]

A espiritualidade vivida pelo catequista é uma conquista diária; é um exercício permanente que necessita de constante conversão, atualização e superação de desafios. É um estilo de vida marcado pela busca incessante de Deus, por meio de Jesus Cristo, no Espírito Santo. Tal busca dá-se pelo desejo constante de querer conformar a própria vida com a vida de Cristo, Mestre e Senhor.

A vida espiritual do catequista alicerçada em Jesus, o Filho de Deus, o permitirá traduzir, na vida, gestos, palavras e atitudes, o comprometimento necessário para a vivência autêntica do seguimento da vida cristã, em sintonia com o desejo de transformar a terra num "pedaço do céu".

> A espiritualidade cristã é, por definição, a espiritualidade de Jesus, segundo seu Espírito. Sua opção deverá ser nossa opção, suas atitudes, nossas atitudes, sua práxis, nossa práxis. Para nós, como para Paulo, viver é o Cristo, e morrer com ele e por ele é o verdadeiro lucro (cf. Fl 1,21). [7]

O catequista que possui uma profunda vida espiritual, ao confrontar sua vida com a de Jesus, percebe que é capaz de traduzir nos mais simples gestos e atitudes aqueles parecidos com o do Mestre e Senhor.

A espiritualidade do catequista vivida em sintonia com Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, nascido da Virgem Maria, particularmente quando confrontado com o programa que ele mesmo traçou para si por ocasião do seu discurso na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18-20), nos impulsiona a viver e a traduzir tal proposta tão atual para nossos dias e realidades. [8]

Outra dimensão que não pode faltar na espiritualidade do catequista é aquela indicada por Jesus no sermão da montanha, a proposta das bem-aventuranças (Mt 5,1-12). As bem-aventuranças são sinais indicadores da felicidade vivida em harmonia com o projeto do Pai, por meio do Filho, no Espírito, que nos levam à prática da justiça.

O catequista familiarizado com seu Mestre e Senhor jamais poderá se esquecer da lição fundamental que ele nos deixou na quinta-feira santa, o compromisso e o comprometimento do serviço a ser exercido em favor de todos (cf. Jo 13,12-17).

> A espiritualidade do "avental e da toalha" não pode ser só da quinta-feira santa, mas de todos os dias. Somos chamados para servir [...] Não há serviço sem se despir de todas as aparências de poder, de força. Não é possível amar colocando-se longe do outro. O corpo é sacramento da presença de Deus. [9]

Enfim, a espiritualidade do catequista tem de ser orientada e vivida em Jesus Cristo como fonte original e principal; uma espiritualidade centrada na Santíssima Trindade; iluminada pela Palavra de Deus, palavra que norteia a estrada de todos os cristãos; alimentada pela Eucaristia, fonte e centro da vida da Igreja e pelos demais sacramentos; alicerçada pela oração, pelo desejo de ser autêntico discípulo-missionário, na vivência da alegria e do otimismo que são virtudes marcantes de quem vive a experiência do Cristo ressuscitado; orientada pela presença materna e carinhosa daquela que trouxe ao mundo o Filho de Deus, a Virgem Santíssima, padroeira e Rainha desta pátria que tanto necessita do seu auxílio e proteção. [10]

Para responder

1. Quais são os elementos fundamentais da espiritualidade do catequista?

10

A PESSOA DO CATEQUISTA: IDENTIDADE E VOCAÇÃO

Como todas as pessoas, o catequista busca formar-se e construir sua própria identidade, em conexão com sua fé, cultura e mundo. É um ser em busca da própria realização e da transformação do mundo. Ele está constantemente em busca da resposta a uma das mais intrigantes perguntas: quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? A necessidade de descobrir as mais profundas respostas sobre nós mesmos e a nossa identidade faz parte do amadurecimento humano. A identidade do catequista se constrói no dia a dia da história. É uma busca constante; é um exercício muito exigente.

O modelo desse perfil encontra-se em Jesus, Mestre e Senhor, modelo de servidor e de catequista de quem somos discípulos-missionários. Fiel a esse modelo, o catequista é capaz de desenvolver as diversas dimensões do ser, do saber, do saber fazer e do saber conviver em comunidade. [1]

> O próprio Jesus é o modelo desta opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo. Como nos faz bem vê-lo perto de todos. Se falava com alguém, fitava os seus olhos com profunda solicitude, cheia de amor: "Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele" (Mc 10,21). Vemo-lo disponível ao encontro, quando manda aproximar-se o cego do caminho (cf. Mc 10,46-52) e quando come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2,16), sem se importar que o chamem de glutão e beberrão (cf. Mt 11,19). Vemo-lo disponível quando deixa uma prostituta ungir-lhe os pés (cf. Lc 7,36-50) ou quando recebe, de noite, Nicodemos (cf. Jo 3,1-21). A entrega de Jesus na cruz é apenas o culminar desse estilo que marcou toda a sua vida. Fascinados por esse modelo, queremos inserir-nos a fundo na sociedade, partilhamos a vida com todos, ouvimos as suas preocupações, colaboramos material e espiritualmente nas suas necessidades, alegramo-nos com os que estão alegres, choramos com os que choram e comprometemo-nos na construção de um mundo novo, lado a lado com os outros. Não por obrigação nem como um peso que nos desgasta, mas como uma opção que nos enche de alegria e nos dá uma identidade. [2]

Somos filhos de Deus! Somos as criaturas mais amadas e queridas por ele. Fomos feitos à sua imagem e semelhança. Nós catequistas, como todas as pessoas, somos únicos e "irrepetíveis". Somos sinais e portadores do amor de Deus para todas as pessoas, sobretudo para os nossos catequizandos. Nesse sentido, à luz dos valores cristãos e que constituem a identidade do catequista, ele deve ser, na medida do possível, o exemplo de cristão comprometido com a causa da Igreja, com o mundo, com as pessoas, com a natureza e com todas as realidades da vida.

O catequista é um vocacionado, isto é, ser catequista é ter um chamado especial de Deus. Deus chama de diversos modos por meio de pessoas e acontecimentos. O chamado acontece dentro da realidade histórica de cada um (cf. Gn 12,1-9).

A vocação é iniciativa de Deus que nos convoca para uma missão, que, por sua vez, é também resposta convicta que damos a ele. É uma realidade que atinge decisivamente a vida de uma pessoa. O catequista é alguém que sabe ouvir o chamado de Deus e tornar-se instrumento dele para o serviço dos outros (cf. Ex 3,1-15).

Ser catequista é assumir corajosamente o Batismo e vivenciá-lo na comunidade cristã. É responder o chamado com entusiasmo e ardor apostólico. É revestir-se do mistério pascal de Jesus e proclamar com a vida e o ministério catequético o compromisso com a evangelização e a transformação do mundo.[3]

> Unidos a Jesus, procuramos o que ele procura, amamos o que ele ama. Em última instância, o que procuramos é a glória do Pai, vivemos e agimos "para que seja prestado à glória da sua graça" (Ef 1,6). Se queremos entregar-nos a sério e com perseverança, essa motivação deve superar toda e qualquer outra. O movente definitivo, o mais profundo, o maior, a razão e o sentido último de tudo o resto é este: a glória do Pai que Jesus procurou durante toda a sua existência. Ele é o Filho eternamente feliz, com todo o seu ser "no ser do Pai" (Jo 1,18) [...].[4]

A vocação do catequista é semelhante à vocação do profeta. Por isso, torna-se verdadeiro e incansável anunciador da Palavra e denunciador das injustiças. É o apóstolo a serviço da vida e da esperança do Povo de Deus (cf. Jr 1,4-10). O catequista comprometido com sua vocação e sua missão é alguém que serve a sua comunidade com alegria, disponibilidade e prazer (cf. Sl 110,2). Ele tem a consciência de não ser um funcionário da Igreja, mas um discípulo-missionário, por isso, a sua presença é contagiante, o seu entusiasmo é exuberante (cf. 1Cor 9,16). Alguns personagens da Sagrada Escritura servem de modelo e desafio para os catequistas de hoje. São eles: Abraão, Moisés, o profeta Jeremias, Maria, a Mãe de Jesus e o apóstolo Paulo, entre tantos outros.

Para o seu amadurecimento, envolvimento e melhor empenho na comunidade paroquial, o catequista precisa desenvolver plenamente a vocação para a qual foi chamado: ser pessoa realizada, de bem com a vida e profeta comprometido, realidade tal que deve constituir a identidade do catequista, por isso, orientar todo o seu agir. Essa é uma tarefa árdua que exige contínuo processo de formação, informação e conversão. Alguns elementos são fundamentais para a realização e vivência da vocação do catequista:

1. Maturidade humana e equilíbrio psicológico. O catequista precisa aceitar-se como criatura amada e querida de Deus. Deve ter a consciência de que é a imagem e a semelhança de Deus, autor e Senhor da vida. É único, "irrepetível". Deve amar a própria vida, tem de se amar, amar os outros e a Deus. Apesar de todos os problemas pessoais, existenciais que possa carregar consigo, deve fazer o exercício da superação, mesmo se para isso tiver de servir-se do recurso de outras ciências, como, por exemplo, a psicologia. O catequista deve estar sempre de bem com a vida. É sempre alegre, otimista e esperançoso. Não carrega consigo mágoa e rancor.

2. Relacionamento fraterno. O catequista como ministro da evangelização tem por missão saber relacionar-se com os outros, pois o ministério catequético exige capacidade de abertura, diálogo e perdão. Deus em sua infinita bondade nos criou solidários e não solitários. O catequista deve ser modelo de vida fraterna e de profundo relacionamento humano. É alguém que sabe viver em comunidade.

3. Espírito de liderança. Ninguém nasce catequista, mas aprende durante a vida por meio do esforço pessoal e da formação recebida na comunidade paroquial. Catequista

sem liderança corre o perigo de não dar conta dos seus compromissos. Liderar significa ter discernimento, bom senso, iniciativas etc. O verdadeiro líder sabe escutar, dialogar, dividir tarefas e, sobretudo, trabalhar em equipe.

4. Atitude de discípulo-missionário. O catequista precisa ter sempre uma atitude de discípulo-missionário, ou seja, ser sempre dócil e disponível para a missão catequética, inclusive o que inclui a formação permanente. Deve ter os olhos, os ouvidos e a vida sintonizados com os acontecimentos e fatos do dia a dia. O coração do catequista está ligado com o coração do Mestre e Senhor para ter sempre a capacidade de olhar as pessoas e o mundo com os "olhos" da bondade, da ternura e da misericórdia. O catequista, a exemplo dos discípulos de Emaús, deve ter sempre um coração ardente e desejoso de ouvir e viver a Palavra de Deus relendo-a a partir de Jesus e da vida.

5. Exemplo de serviço: o ministério exercido pelo catequista é chamado de Deus para servir a comunidade. Seu ministério traduz-se no serviço, que jamais poderá ser confundido com poder e status. O serviço deve ser exercido na gratuidade, no amor e no desejo de contribuir com a missão da Igreja.

O catequista, imagem e semelhança de Deus, deve aspirar identificar-se com a pessoa de Jesus, Mestre e Senhor, quer dizer, deve ser uma pessoa profundamente revestida da dimensão humana e divina, no sentido de procurar desenvolver suas próprias capacidades e habilidades de relacionamento com o Pai. É uma pessoa intensamente capaz de se relacionar consigo mesma, com os outros e com Deus e, com isso, fazer acontecer o Reino de Deus. É alguém profundamente humano, e ao mesmo tempo mergulhado no mistério de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, nosso Mestre e Senhor.

Para responder

1. Quais são os elementos fundamentais de que o catequista necessita para a realização e vivência de sua vocação?

IV.

A CATEQUESE NO CONTEXTO HISTÓRICO E O SEU LUGAR TEOLÓGICO

11

BREVE RESUMO DA HISTÓRIA DA IGREJA E DA CATEQUESE[1]

Deus se faz presente na história da humanidade. Ele se revela e se manifesta por meio da história humana de cada povo. A Igreja faz parte da história e, por isso, à luz da fé, percebe, reconhece e assume os desafios de Deus para cada tempo e situação. A catequese é uma realidade presente na vida e na história da Igreja.[2]

> Escrever História da Igreja não é uma tarefa fácil. Como sintetizar, sem distorcer, acontecimentos que envolvem dois mil anos e milhões e milhões de pessoas, movidas pela fé e pela graça de Deus, mas também seduzidas, muitas vezes, pelo pecado e freadas por tantas fraquezas? Como discernir as causas e as relações entre os acontecimentos? Como situar os fatos em relação às estruturas sociais e políticas, à cultura, aos movimentos coletivos? Como apontar o sentido de tudo isso? Como dar uma imagem fiel, em suas linhas essenciais, do que realmente aconteceu? Escrever História da Igreja é uma tarefa fascinante.[3]

A história da Igreja e, por sua vez, a história da catequese, inicia-se com a pessoa de Jesus Cristo e, depois, com a pregação dos apóstolos, particularmente com São Paulo, o apóstolo da evangelização.

Desde os inícios da era cristã até o século VI a Igreja viveu um período de organização e fortalecimento da vida eclesial, nas diversas comunidades cristãs. Os textos de tal período (escritos apostólicos) relatam questões como doutrina, culto e disciplina. Três livros dos inícios do cristianismo merecem destaque: *Didaqué* ou doutrina dos apóstolos (pequeno manual pastoral-catequético), as sete cartas de Santo Inácio de Antioquia e a Epístola de São Clemente.[4]

> Em todos os séculos da História do Cristianismo, a comunidade primitiva exerceu sobre os cristãos um fascínio particular e se impôs — às vezes como modelo, às vezes como questionamento, sempre como ideal — de genuína vida cristã. O retrato mais famoso desta comunidade é aquele traçado pelos Atos dos Apóstolos, especialmente nos primeiros capítulos. Essa descrição suscitou, em todas as épocas, projetos de vida apostólica, comunhão de bens, liberdade cristã, fraternidade, procura dos dons do Espírito (carismas), diaconia do Evangelho... Mesmo para os que se aproximam com olhar mais crítico, fora de uma perspectiva de fé, a comunidade cristã torna-se interessante pelo seu extraordinário dinamismo, que levou a fé cristã, em menos de um século, de um modesto início, numa pobre província, a uma penetração extensa e capilar em muitas áreas e no próprio coração do Império.[5]

Ainda que esse período registre um grande desenvolvimento da Igreja, nas dimensões acima elencadas, não conteve a saída de muitos cristãos de seu seio, por não comungarem com as verdades de fé transmitidas pela Igreja. Esses cristãos, separados da fé original, ficaram conhecidos como hereges ou cismáticos.

O período de 70-130 foi muito difícil para os cristãos, pois, como Cristo, os apóstolos e discípulos foram também perseguidos. Houve muita perseguição. Os cristãos tornaram-se alvo de perseguição e violência, e muitos entregaram suas vidas em nome de Cristo e do seu Evangelho. Esses cristãos, perseguidos e torturados, são considerados

mártires pela Igreja.

> O martírio é visto como "a perfeição da vida cristã", exatamente por ser a prova suprema da caridade pela qual alguém chega a identificar-se plenamente com Cristo. Tem o significado de um segundo Batismo, por causa de sua perfeita incorporação no mistério salvífico. [6]

Somente a partir de 313, quando Constantino concede liberdade religiosa a todos os cidadãos do Império, os cristãos deixam de ser perseguidos e torturados. Se, por um lado, isso favorece os cristãos, por outro, os favores do imperador amarram a Igreja à autoridade romana fazendo com que o Imperador intervenha nos assuntos eclesiais. Segue a Carta de Constantino, imperador romano (307-337), ao Governador da Bitínia a respeito da liberdade religiosa tradicionalmente denominada de Édito de Milão, escrita no ano de 313:

> Eu, Constantino Augusto, e, como eu, Licínio Augusto, reunidos felizmente em Milão para discutir todos os problemas relativos à segurança e ao bem público, julgamos de nosso dever regulamentar, em primeiro lugar, entre outras disposições de natureza a assegurar, segundo nós, o bem da maioria, aquelas sobre as quais repousa o respeito da divindade, isto é, dar aos cristãos, bem como a todos, a liberdade e a possibilidade de seguir a religião de sua escolha, a fim de que tudo o que há de divino na celeste morada possa ser benevolente e propício a nós e a todos aqueles que se acham sob a nossa autoridade. Por isso, num desígnio salutar e muito reto, julgamos dever tomar a decisão de não recusar essa possibilidade a quem quer que seja, tenha este ligado sua alma à religião dos cristãos ou à que julgar mais conveniente para si, a fim de que a divindade suprema, à qual prestamos uma homenagem espontânea, nos testemunhe em todas as coisas seu favor e sua benevolência habituais. Convém, pois, que tua Excelência saiba que, suprimindo completamente as restrições contidas nos escritos enviados anteriormente à tua administração a respeito dos cristãos, nós decidimos abolir as estipulações que nos pareciam totalmente inadequadas e estranhas à nossa mansidão, e permitir, daqui para a frente, a todos aqueles que têm a determinação de seguir a religião dos cristãos que o façam livre e completamente, sem ser inquietados nem molestados. [7]

Em 380, Teodósio, imperador romano, declara o cristianismo a religião oficial do império. Os séculos IV e V ficam marcados por grandes escritores a respeito do cristianismo, de modo particular pela elaboração das importantes e famosas explicações sobre a doutrina cristã: bispos, teólogos, professores e mestres cristãos. A esses a Igreja deu o título de padres da igreja ou santos padres. Entre eles, destacam-se: Hipólito (Roma), Tertuliano e Cipriano (África-Cartago), Orígenes (África-Alexandria), Ambrósio (Milão), Agostinho (África-Hipona), Jerônimo (Belém), Cirilo (Jerusalém), João Crisóstomo (Antioquia), entre outros.

A vida litúrgico-catequética, a partir desse período, vai sofrer profundas modificações. O costume de celebrar nas casas (*domus eclesiae)* vai se transferindo para as grandes basílicas que estão sendo construídas, sobretudo com a colaboração do imperador Constantino e de membros de sua família. As celebrações, por sua vez, vão perdendo a simplicidade e se transformando em suntuosas e solenes práticas cultuais. Por ordem dos imperadores, os bispos são equiparados aos mais altos funcionários do império. Os ministros ordenados, no serviço do altar, são revestidos de uma dignidade, de honras e indumentária própria equiparada aos membros do império. A concepção que se tem agora é que o "imperador" é Cristo, representado por seus ministros revestidos de honras e dignidade à altura. [8]

> Com a ajuda do próprio imperador e de sua família, erigem-se grandes construções destinadas ao culto em Jerusalém, Constantinopla e, sobretudo, em Roma. [...] "Basílica" é um gênero arquitetônico que provém da cultura profana, cujo nome implica um estilo propriamente de triunfo e grandeza. O cristianismo assume uma tradição existente na arquitetura civil, inicia-se o uso cada vez mais frequente da planta basilical para a construção das novas igrejas, sobretudo urbanas. O novo quadro litúrgico transforma o estilo litúrgico; a basílica monumental e grandiosa é, como lugar de reunião, expressão da grande assembleia, massiva, da igreja constantiniana. A mudança introduzida nas dimensões do lugar e no número de pessoas determina uma verdadeira mutação na qualidade das relações entre os membros da comunidade cristã, bem como nos dois polos fundamentais da celebração eucarística: a palavra e o banquete eucarístico. [9]

A Igreja, a partir de agora, em vez de perseguida, torna-se a religião oficial do império. Ao término das perseguições, os mártires tornam-se objeto de atenção e de veneração. Nesse contexto aparecem as igrejas construídas ao lado dos túmulos dos mártires. Os cristãos nesse período aceitam adotar alguns elementos rituais pagãos na celebração cristã. Algumas festas pagãs, como, por exemplo, a festa dedicada ao nascimento de deus sol, celebrada no dia 25 de dezembro, é substituída pelo nascimento de Jesus Cristo, sol da justiça. [10]

Os textos litúrgicos começam a ser escritos a partir da metade do século IV. O uso de composições escritas para o culto vai se generalizando, fazendo desaparecer as improvisações. A liturgia utilizada nas cidades mais importantes vai se tornando modelo para as demais. A sobriedade e a simplicidade vão cedendo lugar para o prolixo, o patético e o emocional. [11]

A língua grega, que por mais de três séculos foi utilizada nas celebrações, agora dá lugar para o latim. E foram os africanos Tertuliano, Cipriano, Lactâncio e Agostinho, entre outros, que elaboraram os textos teológicos e litúrgicos na versão latina para as celebrações africanas. [12]

Tendo o cristianismo reconhecido pelo Estado, muita gente tornou-se adepta dele, e o processo formativo da iniciação cristã sofre sua primeira crise, pois a partir de agora não há mais necessidade de um tempo prolongado de preparação para a entrada na vida cristã. [13]

Outro aspecto a ser considerado nesse período refere-se ao cerimonial que se celebrava na corte e que é transferido para a Igreja. Os bispos, particularmente o papa, recebem por parte do imperador as honras e os privilégios próprios da corte imperial, inclusive as roupas utilizadas pela realeza vão fazer parte da igreja. [14]

Nos séculos V e VI acontece o fenômeno da migração dos povos pobres e primitivos do norte para o sul em busca de novas terras. Esse fenômeno foi conhecido, impropriamente, como a "invasão dos bárbaros". A Igreja foi ao encontro desse povo e se fez presente no meio deles. O papa Gregório Magno, papa nesse período, ao enviar os monges irlandeses para as ilhas britânicas, consegue convertê-las ao cristianismo.

No longo período de 700 a 1300 há uma continuidade no processo de evangelização. A aliança da dinastia dos Pepinos com a Igreja, particularmente com a coroação de Carlos Magno, em 800, permitirá a união dos povos germânicos com o cristianismo. Em 1054 acontece a separação entre a Igreja do Oriente e a do Ocidente. Por volta de 1200

aparecem as escolas teológicas: Universidade de Paris, Bolonha, Pádua, Oxford, Cambridge e Salamanca. Outros fatos importantes, como as Cruzadas e o surgimento das figuras importantíssimas de São Francisco de Assis e São Domingos de Gusmão, acontecem nesse período.

Em 1517, Lutero, Calvino e Zuwinglio separam-se da Igreja Católica. Por outro lado, em 1534 acontece a fundação dos jesuítas, e de 1545 a 1563 realiza-se o Concílio de Trento. Nesse período surgem: Santa Tereza D'Ávila, Pedro de Alcântara, João da Cruz, São Francisco de Sales, entre outros. A Igreja amplia a sua evangelização até a Índia e a China. A América Latina e o Brasil entram na história como colônia. Destacam-se, dos anos 1750 a 2012, alguns acontecimentos relevantes, como: na Revolução Francesa, em 1789, a Igreja perde a intelectualidade e, posteriormente, o operariado e as massas populares; surgem as organizações católicas, congregações e movimentos laicais; o Concílio Vaticano I (1869-1870) e o Vaticano II (1962-1965); a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952; várias reuniões dos bispos latino-americanos: Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Surge, na década de 1960, a teologia da libertação, embasada pelo princípio de envolver os cristãos no comprometimento com as causas sociais; o longo pontificado do papa João Paulo II (1978-2005), que foi marcado por mais de cem viagens pastorais, e de seu sucessor, Bento XVI, marcado pela "nova evangelização" e pela renúncia ao papado.

> O dia 31 de outubro é anualmente comemorado como o "Dia da Reforma Protestante", porque foi nessa data, do ano de 1517, que Martinho Lutero divulgou suas 95 teses sobre as indulgências. Na tradição católica, indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa, que o fiel bem disposto obtém em certas condições determinadas, pela intervenção da Igreja que, como dispensadora da redenção, distribui e aplica por sua autoridade o tesouro das satisfações de Cristo e dos santos (Catecismo da Igreja Católica, n. 1471-1478). Na época de Lutero havia muita confusão sobre o "valor das indulgências" [...] Vejamos algumas das 95 Teses promulgadas por Lutero em 1517. (1) "Ao dizer: 'Fazei penitência' etc. (Mt 4,17), nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo quis que toda a vida dos fiéis fosse penitência [...] (27) Pregam doutrina humana os que dizem que, tão logo tilintar a moeda lançada na caixa, a alma sairá voando [do purgatório] [...] (32) Serão condenados em eternidade, juntamente com seus mestres, aqueles que se julgam seguros de sua salvação através da carta de indulgência. (33) Deve-se ter muita cautela com aqueles que dizem serem as indulgências do papa aquela inestimável dádiva de Deus através da qual a pessoa é reconciliada com Deus [...] (36) Qualquer cristão verdadeiramente arrependido tem direito à remissão de pena e culpa, mesmo sem carta de indulgência. (37) Qualquer cristão verdadeiro, seja vivo, seja morto, tem participação em todos os bens de Cristo e da Igreja, por dádiva de Deus, mesmo sem carta de indulgência [...] (53) São inimigos de Cristo e do papa aqueles que, por causa das pregação de indulgências, fazem calar por inteiro a palavra de Deus nas demais igrejas. (54) Ofende-se a palavra de Deus quando, em mesmo sermão, se dedica tanto ou mais tempo às indulgências do que a ela [...] (62) O verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo Evangelho da glória e da graça de Deus [...]. [15]

No que se refere especificamente à catequese, abordaremos, de forma resumida, os mais de dois mil anos de história. Sabe-se que o conteúdo da catequese primitiva, isto é, dos primeiros séculos do cristianismo, consistia na pregação do anúncio evangélico, cujo tema principal era o mistério pascal de Jesus. A comunidade primitiva, desde o seu início, preocupou-se com a "educação da fé". O conteúdo da catequese primitiva estava baseado no Novo Testamento e nos escritos cristãos daquele tempo.

No segundo século deu-se início ao catecumenato institucionalizado. Foi, sem dúvida, um período muito rico e frutuoso da história da Igreja e da catequese no que se refere à formação: tempo forte de preparação para adesão da fé cristã. Especificamente no terceiro século, o catecumenato atingiu o seu amadurecimento catequético e litúrgico.

O catecumenato nesse período estava estruturado em quatro tempos: pré-catecumenato (primeiro anúncio), catecumenato propriamente dito (instrução e conversão), iluminação-purificação (tempo quaresmal-pascal) e mistagogia (pós-sacramento). Durava três anos, no final dos quais havia outro escrutínio para escolher os candidatos ao Batismo, após o qual se seguia a catequese mistagógica (explicação dos mistérios-sacramentos). Nestes primeiros séculos o processo catequético compreendia ensino, liturgia e penitência (conversão).

A partir de 313, o cristianismo passa por uma tremenda transformação. Em se tratando da catequese, pelo fato de a sociedade tornar-se cristã não se via mais a necessidade daquele esquema de formação catecumenal. Lentamente o catecumenato vai perdendo a sua origem e desaparecendo pouco a pouco até o século VIII. É nesse período que se inicia o Batismo de crianças. O rito de Batismo de adultos é adaptado às crianças.

Em 476, dá-se a queda do Império Romano no Ocidente. Nesse período, segundo muitos historiadores, inicia-se a Idade Média. A Igreja passa a ocupar o centro de toda a realidade. É a época da cristandade, de uma Europa regida pelos valores cristãos. Não há mais a separação entre o religioso e o profano; cidade e paróquia se confundem; o tempo torna-se litúrgico; a vida cotidiana e a vida litúrgica se misturam.

No período da Idade Média, não havia uma organização específica para a catequese. A fé era transmitida na vida cotidiana; as crianças aprendiam o conteúdo da fé pela convivência com os seus pais. Elas se familiarizavam com os ritos e cerimônias.

Nesse período havia uma grande ligação entre autoridade religiosa e autoridade civil: o pároco era, habitualmente, escolhido pelo senhor feudal; a paróquia era o lugar privilegiado para a educação da fé das crianças; a educação era feita por meio de gestos, pela liturgia e pela arte; as crianças aprendiam a serem bons e piedosos cristãos. Não havia ensino da doutrina, pois tudo era aprendido na prática.

A partir da Idade Moderna (século XV), começam a surgir os primeiros manuais de instrução religiosa. Jean Gerson publica, em 1402, algumas obras, entre elas a *Tríplice obra sobre o decálogo*, a confissão e a arte de bem morrer e, depois, sua obra mais importante, *Sobre o conduzir os jovens a Cristo*. Em 1429, o Sínodo Provincial de Tortosa (Espanha) sugere que se elabore "um breve compêndio" sobre os artigos da fé, a saber: o Pai-nosso, os mandamentos, os pecados capitais e as questões sobre o céu e o inferno. É o primeiro aceno na história daquilo que será chamado catecismo. No ano de 1529, Lutero publica o "grande catecismo", em latim, para uso dos pastores e, em seguida, o "pequeno catecismo", em versão popular. Lutero é o autor desse estilo literário chamado catecismo. O Concílio de Trento (1545-1563) determina que se publique um catecismo em versão latina e popular. Após a reforma protestante, surgem muitos catecismos que permanecem até o Concílio Vaticano II (1962-1965).

Os jesuítas, entre outras ordens religiosas, como capuchinhos, barnabitas, esculápios, foram os que mais investiram na catequese nesse período. Destacam-se, entre eles, Pedro Canísio (1521-1597) e Roberto Belarmino (1542-1621).

No Brasil, a história da evangelização se mistura com a história da catequese. Em 1532 fundaram-se as primeiras paróquias; de 1538 a 1541, instalou-se a primeira missão formal em Santa Catarina, por iniciativa dos frades franciscanos; em 1549 chega ao Brasil um grupo de missionários jesuítas, entre eles São José de Anchieta e Manuel da Nóbrega. Com os jesuítas, inicia-se a implantação de uma catequese institucionalizada para os colonizadores portugueses; com os indígenas, realiza-se uma catequese missionária: os jesuítas escreveram catecismos na língua dos indígenas; utilizaram-se da música, do teatro, da dança e da poesia para catequizá-los.

Em 1759 é nomeado, como primeiro ministro de D. José II, rei de Portugal, Sebastião José de Carvalho e Melo, marquês de Pombal, que, logo mais, viria a expulsar todos os jesuítas do Brasil. Esse episódio causou um enorme desgaste para a evangelização e catequese no Brasil. Com a catequese oficial em crise, entra em cena a catequese popular, caracterizada pela simplicidade, pelo aprendizado daquilo que era estritamente essencial da fé, pela devoção aos santos, pelo sincretismo religioso, isto é, pela mistura de elementos da religião indígena, africana e catolicismo romano etc. A fé é mantida e sustentada por gente simples do povo, rezadores, pregadores de novena e pregadores populares.

Com a transformação da Europa no século XVIII, começa a funcionar o ensino da catequese obrigatório nas escolas, que em geral eram controladas pela Igreja. Nesse contexto, o catecismo se escolarizou e as paróquias passaram a cuidar das crianças que não frequentavam as escolas. Os protestantes fundam as escolas dominicais. Nesse período surge a explicação da Bíblia por meio de seleções de fato, denominada História Sagrada.

O século XIX, particularmente em 1808, com a vinda da família real para o Brasil, se caracterizou pela reforma católica, conduzida pelos bispos reformadores. O sentido de tal reforma consistia em implantar no Brasil o espírito da reforma do Concílio de Trento, uma vez que o catolicismo português trazido do descobrimento era de origem medieval. Os bispos, em suas visitas pastorais, procuram dar uma catequese mais regular e sistemática. Utilizaram-se também do recurso das cartas pastorais para aprofundar uma catequese um tanto mais específica. Os bispos brasileiros elaboram, traduzem e adaptam os novos textos de catequese, dando um caráter doutrinal, teológico e pastoral. Outro elemento importante para a questão da evangelização e da catequese nesse período no Brasil foi a pregação missionária que mantinha e alimentava a fé dos cristãos. Destacamos alguns desses pregadores leigos populares: Antônio Conselheiro, João Maria, Pedro Batista, José da Cruz, Jacobina Meurer, entre outros.

O século XX foi o século da renovação catequética. As inovações das ciências pedagógica e psicológica contribuem com a catequese. No Brasil, a partir de 1903, as dioceses adotam o Catecismo de Doutrina Cristã. Trata-se de um catecismo doutrinal-

teológico, com fórmulas precisas e ao mesmo tempo simples e, por isso, memorizáveis. Esse catecismo permaneceu até as vésperas do Concílio Vaticano II. Em 1905, o papa Pio X escreve uma carta encíclica sobre a comunhão de crianças a partir de sete anos.

Com o apoio de Pio X, os leigos, sobretudo os catequistas, serão mais valorizados. No Brasil, a falta de padres contribuiu para que bispos e padres buscassem apoio dos leigos na tarefa da evangelização, sobretudo na catequese. Assim sendo, os catequistas recebem uma formação mais sólida e profunda. Apesar dos avanços alcançados, percebe-se a profunda ignorância religiosa do povo, consequência de uma catequese ainda não eficiente. A primeira renovação significativa chegou por meio da Ação Católica. [16] Com a Ação Católica a catequese enriqueceu-se por meio de um valioso instrumento metodológico denominado "método ver, julgar e agir".

Alguns movimentos, como o bíblico e o litúrgico, antecederam ao Concílio Vaticano II. Juntamente com esses movimentos, a catequese pôde também avançar ainda mais, num conjunto de acontecimentos conhecido como "movimento catequético". O movimento querigmático, que teve sua pedagogia construída a partir da História da Salvação, cujo centro é Jesus Cristo, com uso da Bíblia e da liturgia, muito colaboraram com a catequese que temos hoje.

Em se tratando da catequese no Brasil, tivemos um padre que muito se destacou pelo seu criativo método integral. Trata-se do Pe. Álvaro Negromonte. Seu método catequético consistia em formar o cristão íntegro, firme na fé, forte no amor e pleno na esperança. Nesse período, realizam-se em âmbito internacional congressos e semanas de catequese. Importante acontecimento no Brasil foi a fundação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), no dia 14 de outubro de 1952, tendo à frente D. Helder Pessoa Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro na época.

A renovação bíblica, ecumênica, teológica, litúrgica e catequética no final do século XIX e início do século XX contribui eficazmente para a convocação, pelo papa São João XXIII, do Concílio Vaticano II. No Brasil, desde 1962, a CNBB publica de quatro em quatro anos as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja. Em 1963 foi fundado, no Rio de Janeiro, o Instituto Superior de Pastoral Catequética (ISPAC), por iniciativa de D. Helder Câmara e do Pe. Álvaro Negromonte, organizado e dirigido pelo Pe. Hugo Paiva. Em 1982 foi fundado em São Paulo, no Instituto Pio XI, dos salesianos, por iniciativa do Pe. Luiz Alves de Lima, um curso superior de pastoral catequética, que durou até 1997, sendo substituído pelos cursos de pós-graduação em catequese – que se multiplicaram pelo Brasil: São Paulo, Curitiba, Goiás, Porto Velho, Salvador –, todos oficializados pelo MEC.

Na América Latina, a renovação vem por meio da Semana Internacional de Catequese, seguida imediatamente da Assembleia de Medellín, em 1968: de fato, a situação sociopolítica exigia da Igreja e da catequese uma resposta às profundas transformações do continente. Nascem, nesse contexto, a Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a catequese libertadora e transformadora.

Outros importantes acontecimentos aparecem nesse período, entre outros: em 1971,

por ordem do Concílio Vaticano II, a Igreja publica o Diretório Catequético Geral; o Sínodo de 1977 é dedicado à catequese; em 1978 é fundada a Revista de Catequese pelo padre salesiano Ralphy Mendes de Oliveira (†4/3/2008); em 1979 o santo papa João Paulo II escreve a Carta *Catechesi Tradendae* sobre a catequese em nossos tempos; em 1992 a Igreja publica a versão provisória do *Catecismo da Igreja Católica*, e sua edição definitiva em 1997; em 1983 é fundado o Grupo Nacional de Reflexão Catequética (GRECAT); a partir de 1986 é organizada a primeira Semana Brasileira de Catequese; em 2006 foi lançado oficialmente o *Diretório Nacional de Catequese* que é, sem dúvida, um marco referencial na história da catequese do Brasil, por tratar a catequese com dimensão catecumenal e intimamente ligada à liturgia.

Faz-se necessário ressaltar ainda a V Conferência do Episcopado Latino-Americano realizado em Aparecida (SP), de 13 a 31 de maio de 2007, inaugurado pelo papa Bento XVI. Em 2009 foi celebrado o Ano Catequético Nacional tendo como foco o *Diretório Nacional de Catequese*. A terceira semana brasileira de catequese, ocorrida em 2009, tratou da iniciação à vida cristã, tema prioritário na 47ª Assembleia Geral da CNBB, no mesmo ano.

Por fim, mencionamos a XXIII Assembleia ordinária do Sínodo dos Bispos, com o tema "A nova Evangelização para a transmissão da fé", em comemoração aos 50 anos do Concílio Vaticano II, aos 20 anos do *Catecismo da Igreja Católica* e à abertura do ano da fé. O Sínodo aconteceu em outubro de 2012, no Vaticano. Ele reafirmou a importância da catequese para a nova evangelização, assegurando o caráter catecumenal e priorizando a catequese para os adultos. O Concílio pediu a revisão dos sacramentos de iniciação: Batismo, Eucaristia e Crisma. Um dos representantes do Brasil para o Sínodo foi o Pe. Luiz Alves de Lima, que participou como consultor.

Para responder

1. Cite três fatos da história da catequese que você considerou mais importantes para a Igreja.

12

CONCÍLIO VATICANO II: HISTÓRIA E SÍNTESE DOS DOCUMENTOS[1]

Vamos entender o que é um Concílio. O Concílio é a reunião dos bispos do mundo inteiro com o papa; tem por objetivo discutir os assuntos relacionados à fé, à pastoral, à catequese, à liturgia, à moral e às dificuldades da igreja e do mundo, entre outros. Sendo o papa o sucessor dos apóstolos, encarrega-se pela missão de convocar e conduzir o Concílio.

Na história da Igreja, já foram realizados 21 Concílios. O último aconteceu no período de 1962 a 1965. Isso não quer dizer que os bispos ficaram reunidos três anos seguidos. Os encontros aconteceram sempre de outubro a dezembro. Cada Concílio leva o nome do lugar onde foi realizado. O Concílio Vaticano II, por exemplo, realizou-se no Vaticano. Dizemos Vaticano II pelo fato de já ter acontecido o Vaticano I.

O Concílio Vaticano II é chamado de Concílio ecumênico. A palavra ecumênica indica totalidade, universalidade, por isso convocação dos bispos do mundo inteiro. O Concílio Vaticano II também teve seu caráter ecumênico por congregar irmãos de outras denominações religiosas, como luteranos, anglicanos, ortodoxos, entre outros. O papa São João XXIII queria dar passos em relação ao ecumenismo, pois sempre acreditou na unidade dos cristãos.

A história do Concílio Vaticano II é muito interessante. O papa santo João XXIII havia sido eleito no dia 28 de outubro de 1958, sucedendo Pio XII, que ficara no pontificado por 19 anos. Comentava-se que propositadamente escolheram um bondoso ancião de 78 anos de idade para que ele apenas fosse um papa de transição e que não fizesse modificações na Igreja.

Para surpresa de todos, três meses após sua eleição, no dia 25 de janeiro de 1959, após a Missa da festa da conversão do apóstolo Paulo, na Basílica de São Paulo, fora dos Muros, em Roma, o bom e santo velhinho anunciou que convocaria um novo Concílio. A maioria dos cardeais presentes não acreditou naquilo que estava ouvindo. Alguns passaram mal, porém era autêntica a mensagem do papa. Sabe-se que o cardeal responsável por anunciar a notícia no jornal L'Osservatore Romano, o jornal oficial da Igreja, propositadamente noticiou de forma muito discreta, sem nenhuma ênfase ao maior acontecimento da Igreja na Idade Moderna.

O papa anunciava com muita alegria e entusiasmo o Concílio que acabara de divulgar. Comentava com todos que seria um *aggiornamento*, palavra italiana que passou a ser conhecida no mundo inteiro. Essa expressão significa "colocar-se em dia", "atualizar-se", "renovar". O santo João XXIII dizia a todos que era necessário deixar o vento abrir as janelas e penetrar no mais profundo da Igreja, queria dizer com isso que estava na hora da Igreja enfrentar os desafios do mundo moderno.

> Em sua caminhada como pastor e em meio a seus trabalhos um tanto penosos na carreira diplomática, como núncio apostólico, João XXIII foi fazendo experiências das fragilidades e falhas de individualismo eclesiástico concentrador de poderes. E foi descobrindo a fecundidade da colegialidade, sob a forma concreta de sínodos ou concílios. Como patriarca de Veneza, toma melhor conhecimento dos sínodos que haviam constituído um dos segredos dos êxitos apostólicos de São Carlos Borromeu, seu predecessor dos tempos do Concílio de Trento. Logo no início de suas atividades, o patriarca, Cardeal Roncalli, celebra um sínodo em sua arquidiocese. E constata os bons resultados confirmados pela satisfação do seu clero. Então, uns três meses apenas como sumo pontífice, diante da imensidade quase infinita dos problemas da "urbe" e do "orbe", descobre que o sínodo diocesano e o Concílio ecumênico seriam formas apropriadas de colegialidade para enfrentar esses desafios sem fronteiras nem limites. O maior empenho do papa será dar a palavra à Igreja, para que ela, em diálogo e comunhão, encontre os caminhos para sua reforma adequada e eficaz. Quer criar condições para esse diálogo geral e bem organizado, capaz de assegurar a todos a participação em um movimento de *aggiornamento*, de fidelidade dinâmica, progressiva, da comunidade eclesial e mesmo da humanidade, em busca da compreensão e da prática dos valores humanos e evangélicos. O bom caminho não será apenas manter a ordem, consolidar a vigilância sobre as doutrinas e práticas na Igreja. Mas sim criar espaços, instâncias e instrumentos de um diálogo confiante, bem preparado, progressivo e bem organizado. **[2]**

Ora, para a realização de um evento como este é necessário muita preparação e organização. A pedido do papa, a Cúria Romana ficou encarregada de preparar um questionário para os bispos, para as faculdades de Teologia e Direito Canônico, para as Universidades Católicas e para os superiores das diversas Congregações. Assim se fez! Quando o papa leu as perguntas, ficou decepcionado, pois segundo ele as perguntas eram direcionadas. Pediu para cancelar tudo aquilo e enviar apenas uma carta em que convidava os bispos para, com toda a liberdade, manifestar seus anseios e sugestões. Muitos estranharam essa atitude do papa, pois não estavam acostumados com esse tipo de tratamento. As respostas começaram a chegar de todos os cantos do mundo. Elas foram examinadas e cuidadosamente resumidas e fichadas segundo o assunto.

Recebidas as respostas, terminou-se a fase antepreparatória do Concílio e, logo mais, iniciou-se a fase preparatória de fato. Criaram-se, para essa fase, comissões e secretariados. A participação brasileira na fase de preparação contou com a presença de dez pessoas, entre elas, D. Helder Pessoa Câmara e o Mons. Joaquim Nabuco, ambos da Arquidiocese do Rio de Janeiro. A fase preparatória da Comissão Central apresentou 70 esquemas impressos em 119 opúsculos, com um total de 2060 páginas.

É impossível compreender a preparação e a realização do Concílio Vaticano II sem a figura carismática do papa São João XXIII. Sua alegria, entusiasmo e otimismo iluminavam todas as pessoas. Ele sempre afirmava que o Concílio seria um novo Pentecostes para a Igreja. Foi sem dúvida o maior acontecimento da Igreja realizado no século XX. O Concílio apresentou uma nova visão teológica e eclesiológica, possibilitando compreender a Igreja como sacramento da Santíssima Trindade, lugar, casa que acolhe, ama, respeita, organiza e santifica todos os irmãos. Lugar onde o Verbo de Deus se fez carne e habita no meio de nós.

O Concílio Vaticano II, de acordo com o santo papa João XXIII e Paulo VI, foi diferente de outros Concílios, sobretudo nas questões doutrinais. O Vaticano II veio para servir e salvar a humanidade, particularmente responder os apelos do mundo moderno e

anunciar o Evangelho no mundo atual.

O Concílio em questão quis voltar às origens do cristianismo, ao retomar aspectos importantes para a vida da Igreja, como a comunhão, a participação, a partilha, a inserção na sociedade, numa atitude de diálogo e serviço e, fundamentalmente, o resgate da centralidade do mistério pascal de Cristo.

Sem dúvida, muitas dificuldades apresentaram-se para as comissões organizadoras do Concílio, porém tudo se superou e, no dia 11 de outubro de 1962, ele teve início. Estavam presentes mais de 2.000 bispos do mundo inteiro, além de outras pessoas convidadas. O Concílio foi realizado dentro da Basílica de São Pedro. Seis meses após o início do Concílio, no dia 6 de junho de 1963, morreu o seu idealizador. Ao papa São João XXIII sucedeu o papa Paulo VI. Ele continuou e reafirmou por diversas vezes a mesma orientação de seu antecessor.

O Concílio Vaticano II produziu dezesseis documentos, assim organizados: quatro constituições, nove decretos e três declarações. As constituições referem-se aos textos que dizem respeito à exposição de verdades doutrinais, isto é, documentos mais importantes que apresentam verdades fundamentais de teologia, liturgia, moral, bíblia etc. Os decretos designam textos que abordam as questões disciplinares. E as declarações significam o parecer da Igreja sobre determinados problemas da sociedade. O nome de cada documento está expresso na primeira palavra do referido texto em latim.

Como já dissemos, quatro são as Constituições, a saber:[3] *Lumen Gentium*, *Dei Verbum*, *Gaudium et Spes* e *Sacrosanctum Concilium*.

1. *Lumen Gentium* (Luz dos Povos)

Podemos afirmar que a *Lumen Gentium* é o documento central do Concílio Vaticano II. Ao reafirmar que Cristo é a luz dos povos, o Concílio quis desafiar os cristãos, sobretudo os católicos, chamados a traduzir na vida, por meio do testemunho, a pessoa de Jesus Cristo, Mestre e Senhor.

Esse documento apresenta aos católicos, aos cristãos e a todas as pessoas de boa vontade as questões sobre a natureza e a missão da Igreja. O documento afirma que a Igreja é expressão da graça de Deus, na qual seus membros são convidados, a exemplo de Cristo, a servir uns aos outros. A Igreja é, segundo o Concílio, uma comunhão de caridade. Podemos afirmar que o Concílio, nesse documento, recupera o sentido de Igreja, aquele do início do cristianismo: casa que acolhe, ama, partilha, reza etc.

A expressão "Povo de Deus" é a mais querida e apreciada nesse documento. Todos os batizados fazem parte do povo de Deus: papa, bispos, padres, religiosos e fiéis leigos. Não há mais aquele conceito piramidal. Agora, todos são irmãos. Não há nenhum melhor do que o outro. Pelo Batismo, somos todos iguais. A Igreja é o sacramento da Trindade. O Filho amado veio habitar no meio de nós e aqui fez a sua morada.

Essa constituição está estruturada em oito capítulos. São eles: o mistério da Igreja, o povo de Deus, a constituição hierárquica da Igreja e em especial o episcopado, os fiéis cristãos leigos, vocação universal à santidade, a vida consagrada, a Igreja peregrina em união com a Igreja celeste e, por fim, a bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja.

2. *Dei Verbum* (Palavra de Deus)

A centralidade da Palavra de Deus deve estar em todas as circunstâncias da vida. O Concílio nos convocou a fazermos a experiência do mistério de Deus mediante a Palavra. Ela tem de ser o alimento que sustenta nossa vida. Podemos dizer que a *Dei Verbum* mudou o nosso jeito de ver a Bíblia e de rezar. Agora rezamos e cantamos por meio da Palavra. Apesar de o documento falar bastante a respeito da Sagrada Escritura, não é um documento sobre a Bíblia, e sim sobre a Revelação Divina, cuja maior expressão é a Bíblia, lida conforme o coração da Igreja.

Os padres conciliares entenderam que a Sagrada Escritura é a Palavra de Deus escrita para nós sob a inspiração do Espírito Santo, e que a Sagrada Tradição é a Palavra de Deus confiada por Cristo, Mestre e Senhor, e pelo Espírito Santo aos apóstolos e a seus sucessores. O cristão católico é convidado a amar a Palavra de Deus e dela fazer seu alimento.

Esse documento transformou a vida de todo cristão católico no que se refere ao relacionamento com a Palavra de Deus. Fazia muito tempo que o cristão católico não pegava a Bíblia na mão e muito menos para leitura. A partir desse documento todos os católicos sentiram-se convidados e convocados a valorizar cada vez mais a Palavra de Deus.

Do ponto de vista doutrinal, é um documento muito importante para a catequese, não só porque fala de seu conteúdo essencial, que é a Palavra de Deus, mas também porque descreve a Pedagogia de Deus, como Deus se revelou e educou seu povo. Deus se revelou por meio de Acontecimentos (fatos) e Palavras (dos profetas), e essa deve ser a pedagogia catequética.

A constituição está organizada em seis capítulos: a Revelação como tal, a transmissão da divina Revelação, a inspiração divina da Sagrada Escritura e sua interpretação, o Antigo Testamento, o Novo Testamento e a Sagrada Escritura na vida da Igreja.

3. *Gaudium Et Spes* (Alegria e esperança)

Essa constituição apresenta os temas doutrinários e eclesiológicos, mas ao mesmo tempo é essencialmente pastoral. Apresenta os grandes problemas e desafios da humanidade: os problemas familiares, as injustiças sociais, a questão demográfica, a política, a questão da unidade e da paz, as questões sobre as ciências modernas. É um documento que apresenta uma Igreja sintonizada com as alegrias, as esperanças e o sofrimento do povo. A *Gaudium et Spes* colocou a criatura humana no centro de suas atenções. Os padres conciliares quiseram abordar, nesse documento, o encontro da Igreja com o mundo atual. Quiseram afirmar que a Igreja está a serviço de toda a humanidade, como Cristo, que veio para servir e não para ser servido.

O documento é composto de duas partes. A primeira parte tem quatro capítulos: a dignidade da pessoa humana, a comunidade humana, a atividade humana no mundo, o papel da Igreja no mundo contemporâneo. Na segunda parte, são cinco capítulos: a promoção da dignidade do matrimônio e da família, a promoção do progresso cultural, aspectos da vida econômica, a vida da comunidade política e a promoção da paz e da comunidade internacional. O documento em questão quer ajudar todos os seres humanos a viverem mais dignamente e, ao mesmo tempo, construir neste mundo a "civilização do amor". [4]

4. *Sacrosanctum Concilium* (Sagrado Concílio)

A *Sacrosanctum Concilium* foi o primeiro documento a ser escrito, por isso a razão do seu nome. Muito embora o conteúdo seja especificamente sobre liturgia, o título sugere o Concílio como um todo. Foi a primeira vez na história da Igreja que se tratou da liturgia, como aconteceu nesse Concílio. O objetivo da reforma litúrgica foi resgatar o que havia sido perdido ao longo dos séculos: a centralidade do Mistério Pascal de Jesus Cristo, Mestre e Senhor.

Os padres conciliares entenderam que a liturgia é a fonte e o cume de toda ação da Igreja e que, por isso, é desejo da Igreja que todos participem ativamente das celebrações litúrgicas. Esse documento afirmou, categoricamente, que Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente por meio das celebrações litúrgicas. Foi através desse documento que a Igreja permitiu que cada povo pudesse voltar a celebrar a missa em sua própria língua.

O Concílio, ao tomar consciência de que Cristo é a fonte e o centro do culto prestado ao Pai, pelo corpo eclesial de Cristo, congregado e sob a ação do Espírito Santo, propõe entre outras coisas a participação ativa de todos os seus membros. Afirma, inclusive, que a participação dos fiéis na liturgia foi um dos principais objetivos da reforma litúrgica. De acordo com essa nova compreensão, os fiéis não devem mais "assistir" à missa, como se dizia antes do Concílio, mas todos são chamados a participar ativamente do mistério pascal de Cristo na celebração Eucarística e nos demais sacramentos e sacramentais da Igreja.

O documento referente à liturgia apresentou também outras questões muito importantes, como: reestruturação do ano litúrgico; recuperação do sentido do domingo; valorização da tradição musical da Igreja, recordando que o canto está a serviço da liturgia; importância da Palavra de Deus, afirmando que a missa tem duas mesas: a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia, interligadas e com igual importância.

Esse documento está organizado em sete capítulos: os princípios gerais da reforma e do incremento da liturgia; o sacrossanto mistério da Eucaristia; os demais sacramentos e sacramentais; o ofício divino; o ano litúrgico; a música sacra e, por fim, a arte sacra e as sagradas alfaias.

Passemos agora a estudar os Decretos: *Unitatis Redintegratio, Orientalium ecclesiarum, Ad gentes, Christus dominus, Presbyterorum Ordinis, Perfectae Caritatis, Optatam Totius, Apostolicam Actuositatem* e *Inter Mirifica*.

1. *Unitatis Redintegratio* (O ecumenismo)

Esse decreto afirma que a unidade entre os cristãos é um dos princípios fundamentais do Concílio, por isso propõe os meios e os caminhos para restaurar a unidade entre os cristãos. Afirma ainda que Jesus Cristo, Mestre e Senhor, fundou tão somente uma Igreja e desejou que ela se distinguisse pela unidade.

O decreto possui três capítulos: os princípios católicos do ecumenismo, a prática do ecumenismo e as igrejas e comunidades eclesiais separadas da Sé Apostólica Romana.

2. *Orientalium Ecclesiarum* (As Igrejas orientais católicas)

O decreto afirma que a Igreja tem grande estima e consideração pelas Igrejas orientais católicas e que os diferentes ritos não interferem em sua unidade. Essas igrejas são muito estimadas, pois derivam da tradição dos apóstolos e são ilustres por sua antiguidade.

Esse decreto está organizado em seis partes: as Igrejas particulares ou os ritos, a preservação do patrimônio espiritual das Igrejas orientais, os patriarcas orientais, a disciplina dos sacramentos, o culto divino e a convivência com os irmãos das outras confissões cristãs.

3. *Ad Gentes* (Atividade missionária da Igreja)

O Decreto *Ad Gentes* resgata a dimensão teológica da missão. A Igreja é, por natureza, essencialmente missionária. A exemplo de Jesus, a Igreja é chamada a ser missionária. Todos os fiéis cristãos batizados são chamados e convocados para a missão.

O Decreto *Ad Gentes* está organizado em seis capítulos: princípios doutrinais da atividade missionária, a obra missionária da Igreja, as Igrejas particulares, os missionários, a organização da atividade missionária e a cooperação missionária. Esse documento é importante para a catequese porque restaura o catecumenato na Igreja.

4. *Christus Dominus* (O ministério pastoral dos bispos)

O Decreto *Christus Dominus* trata especificamente do ministério pastoral dos bispos. Afirma, entre outras coisas, que os bispos, em virtude da ordenação episcopal e pela comunhão com o papa e os demais bispos, são constituídos membros do corpo episcopal. Os padres conciliares têm a compreensão de que os bispos, sob a autoridade do papa, devem cuidar do seu rebanho, em nome de Cristo, Mestre e Senhor, e que eles têm a tríplice missão de ensinar, santificar e governar o povo de Deus a eles confiado, em sua diocese.

O Decreto *Christus Dominus* está organizado em três capítulos: os bispos e a Igreja universal, os bispos e as Igrejas particulares[5] e, por fim, a cooperação dos bispos para o bem de várias Igrejas.

Também esse decreto é importante para a catequese, pois é o outro documento que pede a restauração do catecumenato e a publicação do *Rito de Iniciação Cristã de Adultos* (*RICA*).

5. *Presbyterorum Ordinis* (O ministério e a vida dos padres)

O Decreto *Presbyterorum Ordinis* aborda a questão do ministério e da vida dos presbíteros, isto é, dos padres. O Concílio entendeu que os padres na Igreja são os ministros de Cristo a serviço do Povo de Deus e, que por meio do sacramento da ordem, os padres fazem as vezes de Cristo no mundo. Entre outras coisas, os presbíteros (padres) são chamados de "educadores da fé do Povo de Deus", ou seja, autênticos catequistas.

Esse Decreto possui três capítulos: o presbiterato na missão da Igreja, o ministério dos presbíteros e, propriamente, a vida dos presbíteros.

6. *Perfectae Caritatis* (Atualização dos religiosos)

O Decreto *Perfectae Caritatis* tem por objetivo fazer com que as congregações, ordens religiosas e institutos retornem às fontes da vida cristã e às inspirações primitivas de seus fundadores. O decreto orienta, entre outras coisas, que a regra principal da vida religiosa é o seguimento de Cristo, proposto pelo Evangelho. O documento oferece ainda diversos critérios e elementos práticos de atualização para a vivência de uma autêntica e santa vida religiosa consagrada.

7. *Optatam Totius* (A formação dos padres)

O Decreto *Optatam Totius*, a respeito da formação dos padres, entre outros aspectos, comenta que o Concílio determina que cada país providencie um plano de formação permanente para os padres; incentiva a realização de propagandas vocacionais; conscientiza sobre a necessidade da organização dos seminários, a fim de que os seminaristas sejam formados como verdadeiros pastores, além das questões pastorais e formação intelectual. Orienta que toda a formação doutrinal, espiritual e pastoral se realize a partir de Jesus Cristo, Mestre e Senhor, o Bom Pastor por excelência.

8. *Apostolicam Actuositatem* (Atividade pastoral dos fiéis cristãos leigos)

Esse decreto tem por objetivo intensificar a atividade apostólica e pastoral dos fiéis cristãos leigos e, com isso, incentivá-los para a missão da Igreja, confiada a cada um. O decreto afirma ainda que os leigos são chamados por Deus para exercer o compromisso batismal no mundo em que estão inseridos. O fiel cristão é convidado a ser sal, luz e fermento na construção e reconstrução da sociedade. O discípulo-missionário, que é continuador da obra evangelizadora de Jesus e da Igreja, compromete-se com o humanismo cristão que o torna capaz de ser no mundo e na sociedade sinal visível do amor de Deus. Esse documento é essencial para os catequistas, que, em sua maioria absoluta, são leigas/os.

O decreto possui seis capítulos: vocação dos leigos ao apostolado, objetivos do apostolado dos leigos, vários campos de apostolado dos leigos, modalidades diversas do apostolado, observância da reta ordem no apostolado e necessidade da formação para o apostolado.

9. *Inter Mirifica* (Os meios de comunicação social)

O Decreto *Inter Mirifica* trata da importância dos meios de comunicação social. O Concílio tem consciência de que os meios de comunicação, se bem utilizados, contribuem eficazmente para a construção de um mundo mais humano, fraterno e solidário. O decreto afirma que é dever da Igreja Católica pregar a mensagem de Deus servindo-se dos meios de comunicação social; também orienta os seres humanos a usá-los retamente. O Concílio ainda insiste na necessidade de uma formação, para todos, técnica e cristã para o correto uso dos meios de comunicação.

Por fim, estudemos as Declarações: *Gravissimum Educationis, Dignitatis Humanae* e *Nostra Aetate*.

1. *Gravissimum Educationis* (A educação cristã)

A Declaração *Gravissimum Educationis* apresenta a importância e a atualidade da educação, particularmente da educação cristã, no processo da formação humana, intelectual e cristã dos seres humanos no contexto da sociedade atual. Afirma a declaração, entre outros princípios, que todos têm direito à educação e que os pais têm obrigação de educar os filhos, sendo eles os primeiros educadores. Ressalta a importância das escolas, particularmente das escolas católicas, como também o serviço pastoral (evangelização) e o ensino religioso na educação da juventude.

2. *Dignitatis Humanae* (A liberdade religiosa)

A Declaração *Dignitatis Humanae* trata da liberdade religiosa de todas as pessoas, à que todos os seres humanos têm direito. Ao tratar desse assunto, o Concílio entende que a liberdade religiosa é um direito de todas as religiões. A declaração da liberdade religiosa é um dos documentos do Concílio que melhor expressa o desejo da Igreja de integrar-se na sociedade moderna, defendendo, por exemplo, o pluralismo religioso, além da diversidade cultural, étnica, econômica, política etc. A declaração aborda questões sobre a liberdade religiosa e a relação do ser humano com Deus, a liberdade religiosa das comunidades religiosas, a liberdade religiosa da família, os limites da liberdade religiosa, a educação para o exercício da liberdade religiosa, a liberdade religiosa e suas raízes na Revelação etc.

3. Nostra Aetate (Relação da Igreja com as religiões não cristãs)

É o documento mais curto de todo o Concílio. Apresenta uma visão positiva de todas as religiões. Nenhum outro Concílio tratou de outras religiões dessa forma. A Declaração *Nostra Aetate* reconhece o valor das outras religiões e de suas contribuições na busca por respostas para as perguntas mais inquietantes dos seres humanos, de modo especial no que se refere à sua origem, o sentido da vida e a vida após a morte.

O Concílio menciona, nessa declaração, as religiões não cristãs: o hinduísmo, o budismo, o judaísmo e o islamismo. A declaração enfatiza a ligação espiritual que existe entre o cristianismo e o judaísmo. O Concílio tem a consciência de que somos descendentes de Abraão e que foi por meio dos patriarcas e profetas que recebemos a Revelação do Antigo Testamento. Quanto ao islamismo, a Declaração *Nostra Aetate* afirma que admira a maneira com a qual os muçulmanos adoram o "Deus único, criador do céu e da terra", o espírito de obediência que têm para com Abraão; ressalta ainda a apreciação do islamismo por Jesus e a Virgem Maria. A declaração insiste ainda na fraternidade universal que deve haver entre todos os seres humanos.

Para responder

1. O que é um Concílio? Quem convocou o Concílio Vaticano II?
2. Cite as quatro constituições elaboradas pelo Concílio Vaticano II e escreva em um pequeno parágrafo a respeito do que elas tratam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação permanente é uma exigência na vida de todo ser humano, particularmente dos educadores da fé. A reflexão aqui proposta procurou contribuir para o aperfeiçoamento da missão evangelizadora de cada catequista, favorecendo-o no desenvolvimento da fé e de sua prática catequética, assim como para uma vivência autêntica de mistagogo da fé.

Propositadamente, o primeiro tema apresentado, nesta obra, foi a pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, por obra do Espírito Santo, morto e ressuscitado, catequista, centro e fonte da catequese. Ele tem de ser o centro da vida de todo cristão, particularmente de todo catequista. Ele é o ponto de partida e de chegada. Ele é o "Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6). O testemunho e a autenticidade no seguimento de Jesus Cristo define o catequista em sua ação e missão mistagógica.

Após a apresentação da pessoa de Jesus Cristo, privilegiou-se a Palavra de Deus, apresentando-a como o alimento cotidiano que deve sustentar e manter a vida do catequista. A Bíblia tem de fazer parte da vida do catequista. É impossível imaginar um catequista que não seja assíduo leitor e amante da Palavra. A experiência pessoal e comunitária de leitura, escuta e obediência à Palavra de Deus fará do catequista sinal e portador do amor de Deus para com seus catequizandos.

O livro, ao abordar a questão da catequese e liturgia como duas "irmãs gêmeas inseparáveis", quis resgatar, nos encontros de catequese e nas celebrações, o sentido profundo dessas duas realidades inseparáveis, a fim de que a catequese não se torne um depósito de conteúdos, e a liturgia, uma ação esvaziada do sentido da fé, mas que seja de fato o encontro com Jesus, Mestre e Senhor.

No que se refere a catequese e iniciação à vida cristã, o livro quis salientar que esta é estruturada em três etapas de um único caminho de fé e vida (Batismo, Confirmação e Eucaristia), por meio do qual a Igreja introduz os fiéis no mistério pascal de Cristo, tornando-os novas criaturas, filhos adotivos de Deus, membros atuantes de seu povo santo. Ainda, buscou ressaltar que a catequese está a serviço da iniciação à vida cristã.

Quanto ao "ministério" do catequista e da coordenação, apresentou-se a necessidade da compreensão e da valorização do serviço prestado à comunidade e à evangelização, e, ao mesmo tempo, sugeriu-se que a Igreja reconheça a catequese como ministério, da mesma forma que reconhece o ministério dos ministros extraordinários da sagrada comunhão.

No que diz respeito ao serviço da caridade, o catequista, em sua missão mistagógica, deve carregar consigo um profundo e generoso amor ao próximo, fruto do encontro pessoal com Jesus, com sua Palavra e com os sacramentos celebrados pela Igreja, transformando-se em "hóstia viva" para a transformação do mundo e da sociedade em que vivemos. Tal Cristo, tal cristão.

O catequista, por sua vocação e por sua missão, tem de ser uma pessoa de profunda vida espiritual; capaz de perceber a presença de Deus na vida das pessoas, sobretudo dos catequizandos e de seus familiares; de enxergar a ação de Deus na história e, particularmente, olhar as pessoas e o mundo com os olhos ternos e misericordiosos de Deus.

Passando e perpassando todos os temas acima mencionados, o catequista é motivado a construir sua própria identidade, em conexão com sua fé, cultura e mundo, inclusive com sua própria vocação, levando em consideração o chamado especial de Deus para a missão.

E por fim, aborda-se a catequese como realidade presente na vida e na história da Igreja, ressaltando alguns aspectos importantes da história da Igreja e da catequese, concluindo com um resumo da história do Concílio Vaticano II e de todos os seus dezesseis documentos. O Concílio Vaticano II foi, de fato, segundo o seu idealizador, o santo papa João XXIII, o novo Pentecostes para a vida e a missão da Igreja. O Concílio procurou, sem dúvida, retornar às origens do cristianismo discutindo questões importantes como comunhão, participação, partilha e inserção na sociedade em atitude de diálogo e serviço, como também procurou resgatar a centralidade do mistério pascal de Cristo na vida da Igreja. Compete agora, a cada um, estudar, conhecer e colocar em prática as ideias e os ensinamentos do Concílio Vaticano II.

Que a exemplo de Jesus, nosso Mestre e Senhor, de sua Mãe, discípula por excelência e exímia catequista, dos apóstolos, dos mártires e dos primeiros cristãos, possamos exercer o nosso ministério catequético em casa, no trabalho ou em qualquer lugar em que estejamos, sobretudo junto aos catequizandos. Desse modo poderemos mergulhar no mistério de Deus, na vida do seu Filho, vivenciado, celebrado e contemplado na catequese e na liturgia, fontes de renovação e transformação da Igreja, tornando-nos autênticos discípulos-missionários a serviço da vida e da esperança do povo de Deus para o qual somos enviados em missão.

BIBLIOGRAFIA

ALBERICH, E. *Catequese evangelizadora: manual de catequética fundamental*. São Paulo: Salesiana, 2004.

ABREU, E. H.; SOUZA, N. (orgs). *Concílio Vaticano II: memórias e esperanças para os tempos atuais*. São Paulo: Paulinas, Centro Universitário Salesiano, 2014.

ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ALMEIDA, A. J. *Abc da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2010.

ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R.; MAÇANEIRO, M. (orgs). *As janelas do Vaticano II. A Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida: Editora Santuário, 2013.

ALVES DE LIMA, L. *História da Catequese*. Publicada pelo UNISAL (São Paulo) em forma de apostila há de mais 20 anos. Última edição: São Paulo, 2014.

_____. "Catequese a serviço da iniciação cristã. 'Reflexões em torno da 3ª Semana Brasileira de Catequese'". In: *Revista de Catequese* 32, 2009.

_____. "A iniciação cristã ontem e hoje. História e documentação atual sobre a iniciação cristã". In: *Revista de Catequese* 31, 2009.

ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. Projeto de Evangelização "Igreja Viva: Povo de Deus em comunhão. Caderno 3. 2ª edição. Belo Horizonte: Assessoria Pastoral Arquidiocesana, s/d.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Comissão Arquidiocesana de Animação Bíblico-Catequética. Sugestões pastorais para a implantação da iniciação à vida cristã. São Paulo: Arquidiocese de São Paulo, s/d.

AUGÉ, M. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 1998.

BECKHÄUSER, A. Sacrosanctum Concilium: *texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.

BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal* Verbum Domini. *A Palavra de Deus. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *En las Orígenes de la Iglesia: los apostoles y primeiros discípulos de Cristo*. Madri: San Pablo, 2010.

BETTO, F.; BOFF, L. *Mística e espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BINGEMER, M. C. L. *Jesus Cristo: servo de Deus e messias glorioso*. São Paulo/Valência (Espanha): Paulinas/Siquem, 2006.

BORÓBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. V. 1. São Paulo: Loyola, 2002.

BORTOLINI, J. *Tire suas dúvidas sobre Bíblia. 159 respostas esclarecedoras*. São Paulo: Paulus, 2002.

BUYST, I.; SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso* I. São Paulo/Valência (Espanha): Paulinas/Siquem, 2003.

CARVALHO, H. R. *Elementos fundamentais da espiritualidade do catequista*. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. *Leitura orante da Bíblia*. São Paulo: Salesiana, 2010.

_____ *Missa: celebração do mistério pascal de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2014.

CASALDÁLIGA, P. *Nossa espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9ª ed. São Paulo: Loyola/Paulinas/Ave Maria/Paulus; Petrópolis: Vozes, 1999. (Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim.)

CHARPENTIER, E. "Para uma primeira leitura da Bíblia". In: *Cadernos Bíblicos*. São Paulo: Paulinas, 1983.

CNBB. *Diretório Nacional de Catequese.* Brasília: CNBB, 2006.

_____. "Ministério do catequista". In: *Estudos da CNBB* 95. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *Liturgia em mutirão. Subsídios para a formação.* Brasília: Edições CNBB, 2007.

_____. "Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal". In: *Estudos da CNBB* 97. São Paulo:

Paulus, 2010.

_____. Comissão Episcopal Pastoral Para a Animação Bíblico-Catequética. *Itinerário Catequético. Iniciação à vida cristã — um processo de inspiração catecumenal.* Brasília: Edições CNBB, 2014.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Seguir Jesus: os evangelhos*. V. 5. São Paulo: Loyola, 1994. (Coleção Tua Palavra é vida.)

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da iniciação cristã de adultos* – RICA. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição, decretos e declarações*. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GONÇALVES, P. S. L.; BOMBONATTO, V. I. (orgs.). *Concílio Vaticano II. Análise e prospectivas.* São Paulo: Paulinas, 2004.

HAMMAN, A. G. *Para ler os padres da Igreja.* São Paulo: Paulus, 2002.

JOSAPHAT, C. *Vaticano II: a Igreja aposta no amor universal*. São Paulo: Paulinas, 2013.

KEENAN, J. F. *Virtudes para cristãos comuns*. São Paulo: Loyola, 2003.

KESTERING, J. "Ministério da Coordenação". In: *Revista de Catequese* 78, 1997.

LOPEZ MARTÍN, J. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral.* São Paulo: Paulinas, 2006.

LORSCHEIDER, A.; LIBANIO, J. B.; COMBLIN, J.; VIGIL, J. M.; BEOZZO, J. *O Vaticano II: 40 anos depois.* São Paulo: Paulus, 2005.

MATOS, H. C.; SATLER, F. *Iniciação à espiritualidade cristã para leigos.* Belo Horizonte: O Lutador, 2008.

_____. *Concílio Vaticano II: história, herança e inspiração*. Belo Horizonte: O Lutador, 2012.

_____. *Introdução à História da Igreja*. V. 1. Belo Horizonte: O Lutador, 2009.

_____. *Caminhando pela História da Igreja. Uma orientação para iniciantes.* Belo Horizonte: O Lutador, 1995.

MANNUCCI, V. *Bíblia Palavra de Deus. Curso de Introdução à Sagrada Escritura.* São Paulo: Paulinas, 1986.

MARTIMORT, A. G. *Princípios da liturgia: v. 1*. Petrópolis: Vozes, 1988.

MOSER, H. *Concílio Vaticano II: você conhece? Síntese dos documentos conciliares*. São Paulo: Salesiana, 2006.

NERY, I. *Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta*. São Paulo: Paulus, 2008.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica* Evangelii Gaudium. *A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014.

QUEZINI, R. *A pedagogia da iniciação cristã.* São Paulo: Paulinas, 2013.

SCIADINI, P. *Espiritualidade do avental*. São Paulo: Loyola, 2007.

SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: s/e, 1992.

SILVA, J. A. *Catequese e liturgia a partir de um verdadeiro "eco" do mistério: liturgia em mutirão.* Brasília: Edições CNBB, 2007. (Subsídios para a formação.)

SILVA, C. R. G. "A intrínseca ligação entre catequese e liturgia". In: *Revista de Catequese* 127, 2009.

Coleção **CATEQUESE**

- *Catequese junto à pessoa com deficiência mental*, Ana Shirlei P. Vinhal, Lucy Ângela C. Freitas
- *Catequese e liturgia: Duas faces do mesmo mistério – Reflexões e sugestões para a interação entre catequese e liturgia*, Vanildo de Paiva
- *Método na catequese: ver, julgar/iluminar, agir, rever e celebrar no caminho*, Adailton Altoé
- *Caminho de iniciação à vida cristã: elementos fundamentais*, Pe. João Panazzolo
- *Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais*, Rosemary Fernandes da Costa
- *O sentido da vida na catequese*, Isabel Cristina Araujo Alves Siqueira
- *Planejamento na catequese*, Eliane Godoy
- *O processo de formação da identidade cristã – roteiros e reflexões para retiros e formação de catequistas com inspiração catecumenal*, Marlene Maria Silva / Rita de Cássia Pereira Rezende / Vanildo de Paiva
- *Formação de catequistas – exercícios de leitura orante*, Pe. José Carlos Pereira
- *Ministério da coordenação da animação bíblico-catequética*, Eduardo Calandro / Jordélio Siles Ledo
- *Mistagogia em Cirilo de Jerusalém*, Rosemary Fernandes da Costa
- *Catequistas: Discípulos missionários – Exercícios de leitura orante dos documentos da Igreja para a capacitação de catequistas*, José Carlos Pereira
- *Ministério do catequista – elementos básicos para a formação*, Pe. Humberto Robson de Carvalho

Direção editorial:
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação editorial:
Jakson Ferreira de Alencar

Assistente editorial:
Jacqueline Mendes Fontes

Revisores:
Caio Pereira
Cícera G. S. Martins
Rodrigo Moura de Oliveira

Capa:
Marcelo Campanhã

Imagem da Capa:
Laíde Sonda

Coordenação de desenvolvimento digital:
Alexandre Carvalho

Desenvolvimento digital:
Daniela Kovacs

Conversão EPUB:
PAULUS

Ministério do catequista: elementos básicos para a formação [livro digital]; / Humberto Robson de Carvalho [autor]. – São Paulo: Paulus, 2018. – (Coleção Catequese)
1,1Mb; ePUB

© PAULUS – 2018
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 - São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 5087-3700 • Fax (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
[Facebook] • [Twitter] • [Youtube] • [Instagram]
eISBN 978-85-349-4737-4

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**



NOTAS

JESUS CRISTO, FILHO DE DEUS FEITO HOMEM, MORTO E RESSUSCITADO, CATEQUISTA, CENTRO E FONTE DA CATEQUESE

[1] PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii* Gaudium. *A Alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014, n. 3.

[2] Cf. ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. Assessoria Pastoral Arquidiocesana. Projeto de Evangelização "Igreja viva: povo de Deus em comunhão". In: *Projeto Teologia viva*. Caderno 3, 2ª ed. Belo Horizonte: Arquidiocese de Belo Horizonte, s/d, p. 42.

[3] Cf. *ibid.*, p. 42.

[4] Cf. ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. Assessoria Pastoral Arquidiocesana, Projeto de Evangelização "Igreja viva: povo de Deus em comunhão". In: *Projeto Teologia viva*. Caderno 3, 2ª ed. Belo Horizonte: Arquidiocese de Belo Horizonte, s/d, p. 43-45.

[5] CNBB.COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário catequético. Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Edições CNBB, 2014, p. 10.

[6] BINGEMER, M. C. L. *Jesus Cristo: servo de Deus e messias glorioso*. São Paulo: Paulinas; Valência/Espanha: Siquem, 2006, p. 51.

[7] Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*. Brasília: Edições CNBB, 2006, n. 98.

[8] BETTO, F.; BOFF, L. *Mística e espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 213.

[9] Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC). Documento 1*. Brasília: Edições CNBB, 2006, n. 100.

[10] BINGEMER, M. C. L. *Jesus Cristo: servo de Deus e messias glorioso*. São Paulo: Paulinas; Valência/Espanha: Siquem, 2006, p. 137.

A PALAVRA DE DEUS NA CATEQUESE: PALAVRA VIVIDA, PROCLAMADA E ESCRITA

[1] BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal* Verbum Domini. *A Palavra de Deus. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2010, n. 1.

[2] Cf. CHARPENTIER, E. "Para uma primeira leitura da Bíblia". In: *Cadernos Bíblicos*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 7.

[3] Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição* Dei Verbum, *sobre a Sagrada Escritura na Igreja*, n. 11-13.

[4] BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal* Verbum Domini. *A Palavra de Deus. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2010, n. 3.

[5] Cf. MANNUCCI, V. *Bíblia Palavra de Deus, Curso de Introdução à Sagrada Escritura*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 91-92.

[6] Cf. BORTOLINI, J. *Tire suas dúvidas sobre Bíblia, 159 respostas esclarecedoras*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 11-13.

[7] Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*. Brasília: Edições da CNBB, 2006, n. 106-111.

[8] BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal* Verbum Domini. *A Palavra de Deus. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2010, n. 86.

[9] Cf. CARVALHO, H. R. de. *Leitura Orante da Bíblia*. São Paulo: Salesiana, 2010, p. 7-8.

[10] Cf. *ibid.*, p. 7-8.

[11] Cf. *ibid.*, p. 15-16.

[12] Cf. *ibid.*, p. 17-18.

[13] Cf. *ibid.*, p. 18-19.

[14] BENTO XI. *Exortação Apostólica pós-sinodal* Verbum Domini *sobre a Palavra de Deus na vida e*

na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010, n. 74.

A CATEQUESE COMO EDUCAÇÃO DA FÉ: PEDAGOGIA E METODOLOGIA CATEQUÉTICA

[1] Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese* (DNC). Brasília: Edições CNBB, 2006, n. 138 e 139.

[2] *Ibid.*, n. 140.

[3] *Ibid.*, n. 142 e 143.

[4] *Ibid.*, n. 146.

[5] Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*. Brasília: Edições CNBB, 2006, n. 150-151.

[6] *Ibid.*, n. 152.

[7] Cf. *ibid.*, n. 155-156.

[8] Cf. *ibid.*, n. 157-162.

[9] Cf. *ibid.*, n. 163-172.

CATEQUESE E LITURGIA: DUAS "IRMÃS GÊMEAS" INSEPARÁVEIS

[1] Cf. BENTO XVI. *En las orígenes de la Iglesia: los apostoles y los primeros discipulos de Cristo.* Madri: San Pablo, 2010, p. 7.

[2] Cf. CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Seguir Jesus: os evangelhos*, v. 5, São Paulo: Loyola, 1994, p. 48 (Coleção Tua Palavra é vida).

[3] Cf. CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Seguir Jesus: os evangelhos*. V. 5. São Paulo: Loyola, 1994, p. 48-49 (Coleção Tua Palavra é vida).

[4] Cf. CARVALHO, H. R. de. *Missa: celebração do mistério pascal de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 18.

[5] Cf. *ibid.*, p. 13.

[6] Cf. ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 140-141.

[7] CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 9ª ed. São Paulo: Loyola; Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Ave-Maria; São Paulo: Paulus, 1999 [edição revisada de acordo com o texto oficial em latim], n. 1345.

[8] Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*. Texto aprovado pela 43ª Assembleia Geral. Brasília: Edições CNBB, 2006, n. 120-121.

[9] Cf. LIMA, L. A. de. "A iniciação cristã ontem e hoje: história e documentação atual sobre a Iniciação Cristã". In: *Revista de Catequese* 126, 2009, 20-33, p. 11.

[10] Cf. BUYST; I.; SILVA, J. A. da. O mistério celebrado: memória e compromisso I. São Paulo: Paulinas; Valência/Espanha: Siquem, 2003, p. 63-67.

[11] Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática* Sacrosanctum Concilium, *sobre a Sagrada Liturgia*, n. 33.

[12] Cf. ALBERICH, E. *Catequese evangelizadora. Manual de catequética fundamental*. São Paulo: Salesiana, 2004, p. 315; BECKHÄUSER, A. Sacrosanctum Concilium*: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 54.

[13] Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática* Sacrosanctum Concilium, *sobre a Sagrada Liturgia*, n. 23.

[14] Cf. *ibid.*, n. 14.

[15] *Ibid.*, n. 56.

[16] Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto* Ad Gentes *sobre a atividade missionária da Igreja*, n. 15.

[17] Cf. *ibid.*, n. 2.

[18] CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1074.

[19] Cf. GONÇALVES SILVA, C. R. "A intrínseca ligação entre catequese e liturgia". In: *Revista de Catequese* 127, 2009, p. 22-23.

[20] Cf. ALBERICH, E. *Catequese evangelizadora: manual de catequética fundamental*. São Paulo: Salesiana, 2004, p. 317; SILVA, J. A. *Catequese e liturgia a partir de um verdadeiro "eco" do mistério, liturgia em mutirão*. Brasília: Edições CNBB, 2007 (Subsídios para a formação), p. 223-224.

CATEQUESE E INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

[1] Esse tema foi elaborado, principalmente, com base no Ritual Romano, Congregação para o Culto divino. Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA). São Paulo: Paulus, 2009, e nos estudos de ALMEIDA, A. J. de. *Abc da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011; LIMA, L. A. "Iniciação cristã ontem e hoje". In: *Revista de Catequese*, n. 126, 2009, p. 6-22; NERY, I. *Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta*. São Paulo: Paulus, 2008; QUEZINI, R. *A pedagogia da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013, entre outros.

[2] CNBB. COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário Catequético. Iniciação à vida cristã — um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Edições CNBB, 2014, p. 36.

[3] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. Brasília: Publicações da CNBB, Documento 1, 2006, n. 35.

[4] Cf. LIMA, L. A. de. "A catequese a serviço da iniciação cristã, reflexões em torno da 3ª Semana Brasileira de Catequese". In: *Revista de Catequese* 32, 2009, p. 15; NOCENT, A. "Iniciação cristã". In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 594.

[5] CNBB. *Rito da iniciação cristã de adultos*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2009, n. 2.

[6] Cf. LIMA, L. A. "A iniciação cristã ontem e hoje. História e documentação atual sobre a iniciação cristã". In: *Revista de Catequese* 31, 2009, n. 126, p. 8.

[7] QUEZINI, R. *A pedagogia da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 9-10.

[8] Cf. *ibid.*, p. 8.

[9] NERY, I. *Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 53.

[10] Cf. LIMA, L. A. de. "A iniciação cristã ontem e hoje. História e documentação atual sobre a iniciação cristã". In: *Revista de Catequese* 31, 2009, n. 126, p. 11-18.

[11] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. "Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal". In: *Estudos da CNBB* 97. São Paulo: Paulus, 2010, n. 32.

[12] LIMA, L. A. de. "A iniciação cristã ontem e hoje. História e documentação atual sobre a iniciação cristã". In: *Revista de Catequese* 31, 2009, n. 126, p. 13.

[13] CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1232.

[14] Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1229.

[15] CNBB. COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário catequético. Iniciação à vida cristã — um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Edições CNBB, 2014, p. 43.

[16] Cf. ALMEIDA, A. J. de. *Abc da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 27.

[17] QUEZINI, R. *A pedagogia da iniciação cristã*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 11.

[18] CNBB. COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário catequético. Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Edições CNBB, 2014, p. 41.

O "MINISTÉRIO" DO CATEQUISTA

[1] Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. "Ministério do catequista". In: *Estudos da CNBB* 95. São Paulo: Paulus, 2008, p.11.

[2] NERY, I. *Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 25.

[3] Cf. *ibid.*, p. 11.

[4] Cf. *idem*.

[5] Cf. *idem*.

[6] Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. "Ministério do catequista". In: *Estudos da CNBB* 95. São Paulo: Paulus, 2008, p. 12.

[7] Cf. *ibid.*, p. 12.

[8] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*. Brasília: Edições CNBB, 2006, n. 231.

[9] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*. Brasília: Edições CNBB, 2006, n. 233-235.

[10] *Ibid.*, n. 245.

O "MINISTÉRIO" DA COORDENAÇÃO

[1] Cf. MATOS, H. C. de; SATLER, F. A. *Iniciação à espiritualidade cristã para leigos*. Belo Horizonte: O Lutador, 2008, p. 25.

[2] Cf. *idem*.

[3] Cf. *idem*.

[4] Cf. KESTERING, J. "Ministério da Coordenação". In: *Revista Catequese* 78, 1997, p. 43-44.

[5] Cf. CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*. Brasília: Edições CNBB, 2006, p. 178-188.

O CATEQUISTA E O SERVIÇO DA CARIDADE

[1] KEENAN, J. F. *Virtudes para cristãos comuns*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 63.

[2] CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1822-1823.

[3] PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica* Evangelii Gaudium. *A Alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014, n. 177.

[4] *Ibid.*, n. 198.

[5] KEENAN, J. F. *Virtudes para cristãos comuns*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 64.

ESPIRITUALIDADE DO CATEQUISTA

[1] Cf. CARVALHO, H. R. de. *Elementos fundamentais da espiritualidade do catequista*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 12.

[2] PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica* Evangelii Gaudium. *A Alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014, n. 259.

[3] Cf. CARVALHO, H. R. de. *Op. cit.*, p. 7.

[4] PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica* Evangelii Gaudium. *A Alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014, n. 263.

[5] MATOS, H. C. J.; SATLER, F. A. *Iniciação à espiritualidade cristã para leigos*. Belo Horizonte: O Lutador, 2008, p. 11.

[6] BETTO, F; BOFF, L. *Mística e espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 220.

[7] CASALDÁLIGA, P. *Nossa espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 20

[8] "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor."

[9] SCIADINI, P. *Espiritualidade do avental*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 73.

[10] Cf. CARVALHO, H. R. de. *Elementos fundamentais da espiritualidade do catequista*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 42-43.

A PESSOA DO CATEQUISTA: IDENTIDADE E VOCAÇÃO

[1] Cf. CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*. Brasília: Publicações da CNBB, 2006, n. 261.

[2] PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica* Evangelii Gaudium. *A Alegria do Evangelho. Sobre o*

anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014, n. 269.

[3] Cf. CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*. Brasília: Publicações da CNBB, 2006, n. 262.

[4] PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica* Evangelii Gaudium. *A Alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014, n. 269.

BREVE RESUMO DA HISTÓRIA DA IGREJA E DA CATEQUESE

[1] Este capítulo foi elaborado principalmente a partir da aula de História da Catequese, apostilada, do Prof. Dr. Pe. Luiz Alves de Lima, sdb, no curso de Pós-graduação em Catequese, no Centro Universitário Salesiano, *Campus* Pio XI, no ano de 2014. Tal apostila vem sido publicada academicamente há vários anos.

[2] Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*. Documento da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2006, n. 59-60.

[3] MATOS, H. C. J. *Introdução à história da Igreja*. V.1. Belo Horizonte: O Lutador, 2009, p. 15.

[4] *Didaqué* significa "instrução" ou "doutrina". Trata-se de um texto escrito provavelmente no final do século I. A *Didaqué* é um pequeno manual pastoral-catequético. Por meio dele podemos conhecer um pouco das origens do cristianismo e, sobretudo, ter uma ideia de como eram as celebrações, a organização e a vida das primeiras comunidades, inclusive como era feita a iniciação à vida cristã. Tudo indica que o autor ou os autores desse manual pertenciam ao meio judaico-cristão. O texto é dedicado especialmente aos convertidos de origem pagã. Percebe-se também pela leitura do manual que a comunidade cristã ainda não estava estruturada com funções definidas para diáconos, padres e bispos. A liturgia, realizada nas casas, parecia ser muito simples. O referido manual pastoral-catequético apresenta o cristianismo como um caminho comunitário que possibilita a vivência da fé em sintonia com a vida de cada dia. Incentiva a leitura da Palavra de Deus e a oração, entre outros ensinamentos. O texto é um convite para que o cristão assuma sua identidade de seguidor de Cristo e seja um elemento transformador no mundo e na sociedade em que vive. Seria muito importante a leitura do livro *Didaqué: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*. São Paulo: Paulus, 2011.

[5] MATOS, H. C. J. *Introdução à história da Igreja*. V.1. Belo Horizonte: O Lutador, 2009, p. 23.

[6] MATOS, H. C. J.; SATLER, F. A. *Iniciação à espiritualidade cristã para leigos*. Belo Horizonte: O Lutador, 2009, p. 31.

[7] HAMMAN, A. G. *Para ler os padres da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 86.

[8] Cf. AUGÉ, M. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1998, p. 32.

[9] Cf. BASURKO, X.; GOENAGA, J. "O culto cristão na Igreja do Império (313-590)". In: BORÓBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja: liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 76.

[10] Cf. BUYST, I.; SILVA, J. A. da. *O mistério celebrado no primeiro milênio da era cristã*. V. 9. Valência/São Paulo: Siquem/Paulinas, 2002, p. 33.

[11] Cf. LÓPEZ MARTÍN, J. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 103.

[12] Cf. MARTIMORT, A. G. *Princípios da liturgia*. V.1. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 149.

[13] Cf. BASURKO, X. "O culto cristão na Igreja o império (313-590)". In: BOROBIO, D. (org). *A celebração na Igreja 1: Liturgia a sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 73.

[14] Cf. AUGÉ, M. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 1998, p. 32.

[15] MATOS, H. C. J. *Caminhando pela história da Igreja. Uma orientação para iniciantes*. V. 2. Belo Horizonte: O Lutador, 1995, p. 32-35.

[16] Compreende-se por Ação Católica o conjunto de movimentos criados pela Igreja no século XX, tendo como base a Doutrina Social da Igreja, a fim de que os leigos pudessem colaborar com a transformação da sociedade e o fortalecimento da fé religiosa.

CONCÍLIO VATICANO II: HISTÓRIA E SÍNTESE DOS DOCUMENTOS

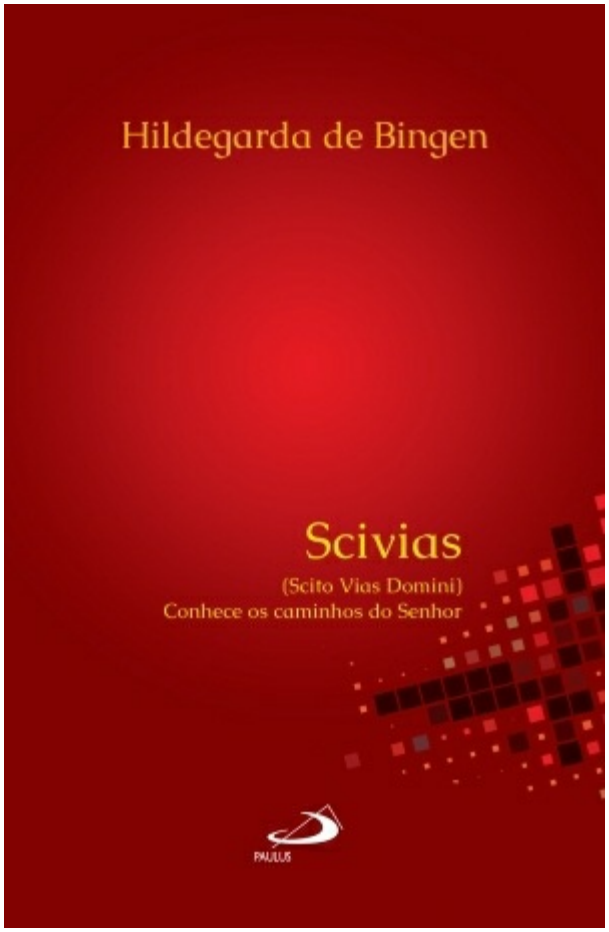
[1] Este texto foi elaborado, principalmente, com base nos estudos de Alberto Beckhäuser (2012), Aloísio Lorscheider, João Batista Libânio, José Comblin, José Maria Vigil, José Oscar Beozo (2005), Bernard Häring (1966), Elza Helena de Abreu, Ney de Souza (orgs.) (2014), Henrique Cristiano José Matos (2012), Hilário Moser (2006), João Carlos Almeida, Rosani Manzini, Marcial Maçaneiro (orgs.) (2013), Paulo Sérgio Lopes Gonçalves e Vera Ivanise Bombonatto (orgs), 2004.

[2] JOSAPHAT, C. *Vaticano II: A Igreja aposta no amor universal*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 29-30.

[3] A sequência aqui apresentada segue o exposto no Compêndio do Vaticano II.

[4] A expressão "civilização do amor" foi usada pelo papa Paulo VI na homilia da noite de natal de 1975. O Concílio Vaticano II entendeu a missão da Igreja no mundo como serviço de humanização (cf. *Gaudium et Spes*, n. 40). O princípio fundamental de toda Doutrina Cristã da Igreja baseia-se no fato de que os bens deste mundo estão destinados a todos sob as regras da justiça e da caridade (cf. *Gaudium et Spes*, n. 69). A "civilização do amor" consiste na vivência fraterna e solidária, de tal forma que todos os seres humanos possam viver dignamente.

[5] Entende-se por Igreja particular ou diocese uma comunidade de fé confiada pelo papa a um bispo para que a pastoreie em cooperação com o presbitério, de tal modo que, unida a seu pastor e por ele congregada no Espírito Santo mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitua uma igreja local, na qual verdadeiramente está e opera a Una, Santa Católica e Apostólica Igreja de Cristo.


Hildegarda de Bingen
Scivias
(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor
PAULUS

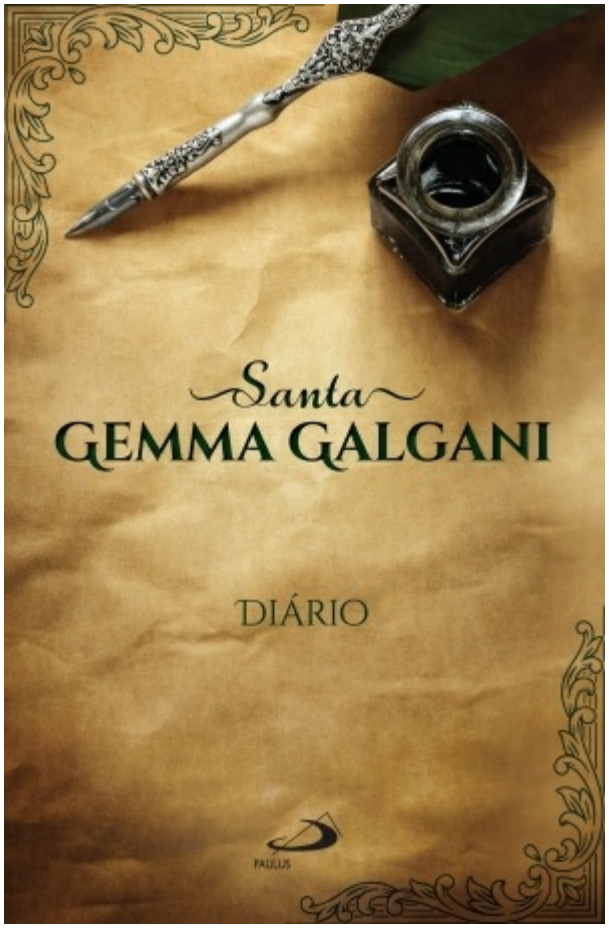
Scivias

de Bingen, Hildegarda
9788534946025
776 páginas

Compre agora e leia

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santifi cação e o fi m do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No fi nal de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

Compre agora e leia


Santa
GEMMA GALGANI
DIÁRIO
PAULUS

Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma
9788534945714
248 páginas

Compre agora e leia

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

Compre agora e leia


DOCAT
Como agir?

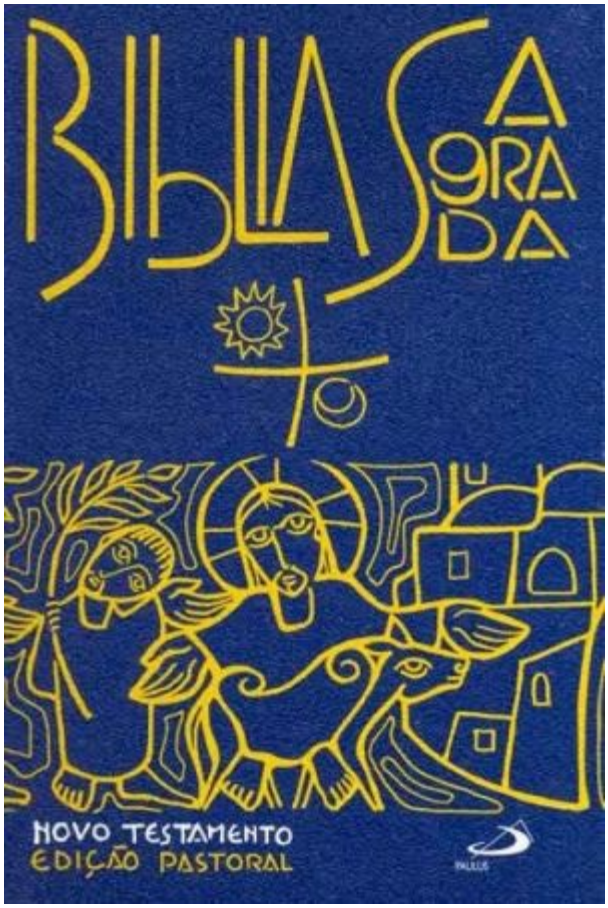
DOCAT

Youcat, Fundação
9788534945059
320 páginas

Compre agora e leia

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

Compre agora e leia


BÍBLIA SAGRADA
NOVO TESTAMENTO
EDIÇÃO PASTORAL

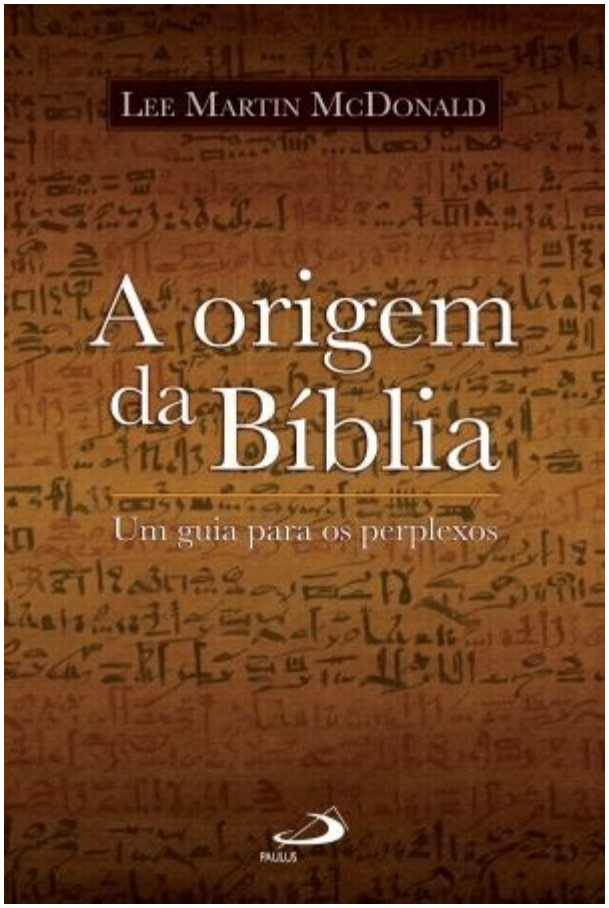
Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.
9788534945226
576 páginas

Compre agora e leia

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Esta edição contém o Novo Testamento, com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

Compre agora e leia


Lee Martin McDonald
A origem da Bíblia
Um guia para os perplexos
PAULUS

A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin
9788534936583
264 páginas

Compre agora e leia

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

Compre agora e leia

Índice

Rosto 2
APRESENTAÇÃO 4
INTRODUÇÃO 6
I - JESUS CRISTO E A PALAVRA DE DEUS, FUNDAMENTOS DA CATEQUESE 9
1. Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, catequista, centro e fonte da catequese 10
2. A Palavra de Deus na catequese: Palavra vivida, proclamada e escrita 14
II - A CATEQUESE COMO EDUCAÇÃO DA FÉ E A LITURGIA COMO CELEBRAÇÃO DA FÉ 20
3. A catequese como educação da fé: Pedagogia e metodologia catequética 21
4. Catequese e liturgia: Duas "irmãs gêmeas" inseparáveis 25
5. Catequese e iniciação à vida cristã 32
Pré-catecumenato 36
Catecumenato 37
Purificação e iluminação 38
Mistagogia 39
III - CATEQUESE E MINISTÉRIO 42
6. O "ministério" do catequista 43
7. O "ministério" da coordenação 46
8. O catequista e o serviço da caridade 50
9. E spiritualidade do catequista 53
10. A pessoa do catequista: Identidade e vocação 58
IV - A CATEQUESE NO CONTEXTO HISTÓRICO E O SEU LUGAR TEOLÓGICO 63
11. Breve resumo da história da Igreja e da catequese 65
12. Concílio Vaticano ii: história e síntese dos documentos 75
CONSIDERAÇÕES FINAIS 95
BIBLIOGRAFIA 97
Coleção 99
Ficha Catalográfica 100
Notas 101